

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO  
GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

**MIRIAN SOCIAL BARRADAS**

**A INTEGRAÇÃO BRASIL – URUGUAI NA EDITORIA DE ESPORTES DO *SITE* A  
PLATEIA**

Porto Alegre

2013

MIRIAN SOCAL BARRADAS

**A INTEGRAÇÃO BRASIL – URUGUAI NA EDITORIA DE ESPORTES DO *SITE* A  
PLATEIA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Jornalismo.

Orientador: Ms. Jandré Correa Batista  
Co-orientadora: Profa. Dra. Karla Maria Müller

Porto Alegre

2013

MIRIAN SOCAL BARRADAS

**A INTEGRAÇÃO BRASIL – URUGUAI NA EDITORIA DE ESPORTES DO SITE A  
PLATEIA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Jornalismo.

Orientador: Ms. Jandré Correa Batista  
Co-orientadora: Profa. Dra. Karla Maria Müller

Aprovado em \_\_\_\_\_ – Conceito Final: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Ms. Jandré Corrêa Batista

---

Profa. Dra. Márcia Benetti Machado

---

Profa. Dra. Virginia Pradelina Fonseca

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, pelo apoio, pelo amor incondicional e pelos valores que me passaram. Eu jamais chegaria até aqui sem vocês.

À minha irmã e melhor amiga, Elisa, que, mesmo a milhares de quilômetros de distância, me escuta, me entende e me apoia.

Ao meu orientador, Jandré, pela dedicação e pela inesgotável paciência durante todo o semestre.

À professora Karla, minha co-orientadora, por acreditar desde o começo no tema deste trabalho.

A todos os meus amigos, os de longe e os de perto, pelos momentos de lazer, pelos conselhos, pelas risadas e pelas inúmeras sessões de terapia.

À UFRGS, por esses cinco anos repletos de experiências fantásticas (mobilidade, pesquisa, extensão...) e pela oportunidade de ensino gratuito e de qualidade.

*“Um gramado retangular. No meio dos lados menores do retângulo, uma armação retangular de madeira, um quadro que é a boca de uma rede onde deve ser arremetida uma pelota de couro que dez homens de um lado contra dez do outro impelem através do campo, sem pôr a mão na pelota, o que só têm licença de fazer os guardiões dos quadros. Não parece que esse jogo, inventado pelos ingleses, tenha outra importância na ordem das coisas senão a de ocupar sadiamente ao ar livre vinte e dois homens. Pois bem, sobre tão frágil estrutura, criou-se com o tempo um ninho de interesses materiais, emotivos, sociais, nacionais e continentais: talvez futuramente, com a conquista dos espaços siderais, interplanetários.”*

(Manuel Bandeira)

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar de que forma o *site* A Plateia, de Santana do Livramento/RS, aborda a construção da identidade fronteiriça e a integração Brasil - Uruguai. Entendendo a mídia como participante no processo de construção de identidades, pretende-se analisar as notícias veiculadas pelo *site* na editoria de esporte. O *corpus* da pesquisa abrange 27 matérias que cobrem a Copa Barcelona Via Expressa, torneio de futebol amador máster realizado nas cidades de Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai), veiculadas entre os períodos de 21 de janeiro de 2013 e 5 de setembro de 2013. Dessa forma, pretende-se compreender se A Plateia coloca o esporte como fator de integração entre brasileiros e uruguayos, por meio de uma análise inspirada na Hermenêutica de Profundidade de Thompson (2002), em combinação com a análise de conteúdo proposta por Bardin (2010). Como resultados, observa-se que a distinção com base na nacionalidade é o principal elemento encontrado nas matérias analisadas e que a identidade fronteiriça e a integração são resgatadas pelo *site* apenas em determinados contextos.

**Palavras-chave:** fronteiras culturais; identidades culturais; comunicação fronteiriça; jornalismo esportivo; webjornalismo

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Pirâmide deitada .....	32
Figura 2 - Análise de conteúdo .....	51
Figura 3 - Parte superior da capa do <i>site</i> , em 16/10/2013 .....	57
Figura 4 - Capa do <i>site</i> , em 17/10/2013 .....	59
Figura 5 - Capa do <i>site</i> , em 17/10/2013 .....	60
Figura 6 - Notícia publicada no dia 1º/06/2013.....	63
Figura 7 - Matéria publicada no dia 10/05/2013 .....	64
Figura 8 - Matéria publicada no dia 29/04/2013 .....	70
Figura 9 - Matéria publicada no dia 20/02/2013 .....	72
Figura 10 - Matéria publicada no dia 13/06/2013 .....	73

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Categorias utilizadas na análise formal ou discursiva .....	64
Tabela 2 – Distribuição nas categorias.....	65



## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição nas categorias .....	65
---	----

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 CULTURA, FRONTEIRAS E IDENTIDADES .....</b>	<b>17</b>
<b>3 WEBJORNALISMO E ESPORTE.....</b>	<b>26</b>
3.1 WEBJORNALISMO.....	26
3.2 WEB E JORNALISMO ESPORTIVO .....	34
<b>4 INTEGRAÇÃO, WEB E FUTEBOL EM A PLATEIA.....</b>	<b>42</b>
4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	42
<b>4.1.1 Hermenêutica de profundidade .....</b>	<b>42</b>
<b>4.1.2 Análise de conteúdo.....</b>	<b>46</b>
4.2 PRIMEIRA ETAPA DA HP: ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA .....	52
4.3 SEGUNDA ETAPA DA HP: ANÁLISE FORMAL OU DISCURSIVA .....	60
4.4 TERCEIRA ETAPA DA HP: INTERPRETAÇÃO/RE-INTERPRETAÇÃO .....	67
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>77</b>
<b>6 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>80</b>
<b>APÊNDICE A - PALAVRAS E EXPRESSÕES CATEGORIZADAS .....</b>	<b>87</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto de que a mídia colabora na construção e manutenção de identidades culturais, o presente trabalho tem como objetivo investigar como o *site* A Plateia<sup>1</sup>, editado na cidade sul-rio-grandense de Santana do Livramento, aborda a integração Brasil-Uruguaí por meio de notícias de esporte local<sup>2</sup>. Dessa forma, pretende-se responder às seguintes perguntas: de que forma A Plateia utiliza as matérias sobre esporte local para abordar a integração Brasil-Uruguaí? Como o tema fronteira está presente nessas matérias?

A Plateia circula desde 1938 em Santana do Livramento, cidade sul-rio-grandense que faz fronteira com a uruguaia Rivera (WEBER, 2011). Originalmente circulando no formato papel, em 2003 ingressou na *web*; em 2011 inaugurou um novo *site*, ampliando seu alcance para além daquela região de fronteira (MÜLLER *et al.*, 2012b).

As duas cidades orgulham-se de sua integração e livre circulação entre os dois lados da fronteira, intitulado-se “a fronteira da paz”. Santana do Livramento e Rivera são separadas apenas por uma rua, caracterizando o que Müller *et al.* (2010) chamam de fronteira conurbada, isto é, uma fronteira seca. O fato de não haver separação física entre as cidades auxilia no processo de integração, sendo comum, por exemplo, que os habitantes de Rivera estudem ou trabalhem em Santana do Livramento e vice-versa.

Pode-se considerar o tema escolhido como relevante em função de alguns aspectos. Um destes é o fato deste trabalho abordar uma faceta pouco estudada na área da comunicação: o tema das fronteiras e identidades culturais. Há poucos estudos que tratem, assim, da comunicação fronteiriça. Por exemplo, ao se fazer uma busca pelo termo “fronteiras culturais” no Portal de Periódicos da CAPES, são encontrados 13 trabalhos. Já com o termo “comunicação fronteiriça”, encontram-se apenas 12 pesquisas.

Além disso, observa-se que os estudos em comunicação tendem a concentrar suas análises nos meios que circulam e são produzidos em grandes cidades. A imprensa produzida em cidades menores, fora dos grandes centros, apesar de oferecer um vasto campo para estudo, não inspira muita bibliografia especializada. De modo geral, as pesquisas em comunicação não costumam dar à imprensa interiorana a importância que ela tem para as suas comunidades (DORNELLES, 2012).

---

<sup>1</sup> Disponível para acesso pelo *hiperlink* <http://www.jornalplateia.com>

<sup>2</sup> Trabalha-se com o conceito de integração com base em Grimson (2002), segundo o qual integração seria um modo de imaginar a si e aos outros como íntegros, homogêneos, sistêmicos. Os “outros”, assim, seriam incorporados a “nós”, havendo ausência de conflito e de violência.

A Plateia concentra um paradoxo interessante: é um dos jornais mais antigos em circulação do Rio Grande do Sul, fundado há mais de 70 anos (A PLATEIA, 2013b), portanto, tem longa tradição no jornalismo da região de Santana do Livramento-Rivera. Apesar de tradicional, A Plateia buscou modernizar-se e ingressou na *web*, tentando ampliar seu alcance para além de sua região original de circulação.

Destaca-se também a relevância social do estudo: A Plateia pretende “falar” aos moradores de Santana do Livramento, que possui cerca de 82 mil habitantes<sup>3</sup>, e Rivera, cuja população é de aproximadamente 64 mil pessoas<sup>4</sup>. Ou seja, em torno de 146 mil pessoas vivem nessa fronteira. Considerando os santanenses e riverenses que vivem em outras cidades e gostariam de saber das notícias de sua região, o público em potencial do *site* é ainda maior.

Nesse contexto, pode-se perceber que a fronteira e a identidade fronteiriça constituem uma questão central e muito presente na região a ser estudada. Acredita-se também na relevância do *site* A Plateia como objeto de estudo, pois, no próprio texto institucional do veículo, a menção à fronteira é frequente. Nessa seção, A Plateia afirma que “Quando se lida com dois povos, de dois países e duas cidades que na verdade são uma só, os instintos são aguçados”, proclamando-se “o retrato do otimismo que transborda na Fronteira da Paz nos últimos anos” e “o único diário bilíngue do Brasil”. Intitulando a região como “Fronteira mais irmã do mundo” e chamando Rivera e Livramento de “cidades gêmeas”, o *site* afirma noticiar “tudo que o fronteiriço quer saber” (A PLATEIA, 2013b).

Assim, considerando esse panorama e entendendo a mídia como participante no processo de construção de identidades, neste trabalho será analisada a editoria de esporte do *site* A Plateia, especificamente as notícias que abordam a Copa Barcelona Via Expressa, com o objetivo geral de entender como o veículo apresenta o esporte como fator de integração entre brasileiros e uruguaios. Os objetivos específicos que esta monografia busca atender são: 1) entender como a mídia, por meio de seu conteúdo noticioso, aborda a integração e a identidade regional; 2) investigar como A Plateia vê a fronteira, ou seja, de que forma a fronteira está presente nas matérias e qual ênfase o *site* dá às identidades nacionais (brasileira-uruguaia) e à identidade cultural fronteiriça.

---

<sup>3</sup> Conforme censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 2010. Dados disponíveis em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=431710&search=rio-grande-do-sul|santana-do-livramento>>. Acesso em 03 ago. 2013.

<sup>4</sup> Conforme o Censo Uruguaio realizado em 2011 pelo Instituto Nacional de Estadística. Dados disponíveis em: <<http://www.ine.gub.uy/censos2011/resultadosfinales/rivera.html>>. Acesso em 03 ago. 2013.

Dessa forma, parte-se da seguinte hipótese: A Plateia utiliza o tema esporte, especificamente a Copa Barcelona Via Expressa, para estimular a integração na região Livramento-Rivera. Esta hipótese decorre do período de observação e coleta de material do *site* A Plateia para o grupo de pesquisa “Práticas Socioculturais Fronteiriças na Mídia Online”, da Fabico/UFRGS, em 2011.

Para atingir os objetivos citados e testar a hipótese, realizar-se-á uma análise inspirada na Hermenêutica de Profundidade, conforme proposta por Thompson (2002), em combinação com a análise de conteúdo de Bardin (2010). A escolha da HP deu-se em conformidade com o aspecto defendido por Veronese e Guareschi (2006, p. 8), de que a mídia é um “terreno fértil” para o método, pois os meios mobilizam o sentido “de forma ampla, poderosa e persistente, tendo um poder de penetração e conformação significativo e relevante”. Já a análise de conteúdo foi escolhida com base na argumentação de Bauer (2008), de que essa técnica apresenta a possibilidade de integrar aspectos quantitativos e qualitativos e, por essa razão, tem se mostrado útil na redução da complexidade de coleções de textos.

Thompson (2002, p. 166) elabora a Hermenêutica de Profundidade com a intenção de que essa metodologia considere simultaneamente a contextualização social das formas simbólicas e suas características estruturais internas. Partindo de uma definição estrutural de cultura, segundo a qual “os fenômenos culturais podem ser entendidos como formas simbólicas em contextos estruturados”, Thompson propõe uma análise cultural “pensada como o estudo da constituição significativa e da contextualização das formas simbólicas”. O autor destaca outro ponto que deve ser observado nesse tipo de análise: o fato de que o objeto da investigação social é, em si, um território pré-interpretado.

Assim, o campo-objeto da investigação social é também um campo-sujeito, construído e interpretado cotidianamente pelos indivíduos – e os sujeitos que formam esse campo sujeito-objeto estão inseridos em um contexto sócio-histórico e são capazes de compreender, refletir e agir fundamentados na sua compreensão (assim como os analistas sociais). Com essas considerações, Thompson (2002) sugere uma metodologia que combine uma análise formal, estatística e objetiva com processos de compreensão e interpretação.

No entanto, a Hermenêutica de Profundidade requer a presença de uma técnica a ser utilizada na segunda etapa (chamada de análise formal ou discursiva). Neste trabalho, será utilizada a análise de conteúdo, conforme proposta por Laurence Bardin (2010). Segundo a autora, a análise de conteúdo pode ser definida como um conjunto de técnicas de descrição do conteúdo que, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos, procuram obter inferências relativas às mensagens estudadas.

O estudo dos meios de comunicação de massa é a aplicação mais antiga da análise de conteúdo. Os primeiros estudos desse tipo datam do começo do século XX, nos Estados Unidos (BARDIN, 2010). O método visa principalmente “desocultar” (BARDIN, 2010, p. 11) significados e representações, combinando objetividade e subjetividade, por meio de um “leque de apetrechos” (BARDIN, 2010, p. 33), ou seja, trata-se de diversas técnicas de análise que se adaptam a diferentes objetivos de pesquisa. Neste estudo, será utilizada a análise categorial, que propõe considerar a totalidade de um texto por meio da classificação em categorias, fornecendo uma representação simplificada dos dados. Após a categorização das informações, sintetizam-se e selecionam-se os resultados e fazem-se inferências e interpretações.

Assim, para auxiliar a pensar teoricamente os questionamentos propostos neste trabalho, o capítulo 2 delimita e teoriza sobre os conceitos de identidade cultural, fronteira e nação, usando autores como Hall (2006), Grimson (2002; 2012) e Müller (2003). No mesmo capítulo, será feita uma breve reflexão sobre as particularidades da mídia de fronteira *online* e qual o seu papel na construção e manutenção das identidades.

No capítulo 3, será feita uma apresentação sobre o webjornalismo, sua história, práticas, conceitos e características e refletir-se-á sobre o jornalismo local na *web*. Nesse ponto, parte-se dos conceitos de Mielniczuk (2003), Pavlik (2005) e Barbosa (2002), dentre outros. Também no capítulo 3 serão explicados conceitos importantes para pensar o esporte, o jornalismo esportivo (história, contexto contemporâneo, características, inserção na *web*) e a influência mútua entre esporte e mídia. Além disso, serão apresentadas as relações entre futebol e identidades nacionais no Brasil e Uruguai, utilizando-se autores como Giulianotti (2002) e Negreiros (2003).

A apresentação do veículo estudado será feita no capítulo 4. Também, nesse capítulo, será descrita detalhadamente a metodologia utilizada e a sua aplicação. Será apresentada a análise sócio-histórica, isto é, o contexto em que o veículo estudado está inserido; depois, a análise formal ou discursiva, na qual as unidades de registro no corpus serão divididas em três categorias (“Unidade”, “Distinção” e “Aproximação”). A análise mostrará que quase a metade das unidades de registro serão inseridas na categoria “Distinção”, o que nega a hipótese inicial deste trabalho. Após, trabalhar-se-á na interpretação/re-interpretação dos resultados obtidos, retomando os principais conceitos descritos nos capítulos anteriores. Nessa parte, discutir-se-á a convivência das identidades nacionais com a identidade fronteiriça e o predomínio daquelas sobre esta. Além disso, será apresentado um resultado da pesquisa: de que o tema “futebol”, no *site* A Plateia é um motivo para a diferenciação com base na nacionalidade.

Por fim, nas considerações finais, será feita uma reflexão acerca do conteúdo encontrado nas notícias analisadas, relacionando-o com alguns aspectos típicos da região de fronteira, como o entrelaçamento constante entre local e nacional e a convivência entre conflito e harmonia. Serão levantadas, também, questões que podem ser desenvolvidas em outras pesquisas.

## 2 CULTURA, FRONTEIRAS E IDENTIDADES

Para fundamentar teoricamente este trabalho, é necessário refletir sobre determinados conceitos que serão centrais à temática abordada, como cultura, identidade e fronteira. Para isso, autores como Grimson (2012), Wright (2010), Hall (2006), Müller (2003) e Anderson (2008) serão utilizados na primeira parte deste capítulo. Após, discutir-se-á brevemente sobre a mídia de fronteira e suas particularidades, com base em Müller *et al.* (2012b), Grimson (2002), Barbosa (2002), dentre outros.

Inicia-se falando sobre cultura partindo das ideias de Grimson (2012), que relata que há diversos entendimentos de cultura; o termo pode designar desde processos de significação até estilos de vida. Esse autor também ressalta a centralidade desse conceito nas Ciências Sociais, afinal, “não há nada humano fora da cultura”<sup>5</sup> (GRIMSON, 2012, p. 41), pois as maneiras em que pensamos a economia, a política, as instituições estão relacionadas necessariamente a essas ideias poderosas, nem sempre expressas de forma oral ou escrita, mas que tomam forma porque já estão incorporadas e materializadas nas formas de percepção e significação.

Pode-se ver, assim, que Grimson (2012) parte da noção de cultura imbricada no senso comum, que engloba hábitos, crenças e rituais. Para o autor, porém, essa definição não considera adequadamente as desigualdades, a história e o poder dentro de cada cultura e entre as culturas. Entender a cultura, para o autor, significa compreender o mundo imaginativo no qual operam os atores, as formas de poder e os agenciamentos que esses atores são capazes de construir. O conceito deve, de um lado, discutir características históricas, mutáveis, complexas, dos limites existentes entre as práticas e os significados; por outro, debater os sentidos éticos e políticos que os poderes locais e globais, os movimentos sociais e os intelectuais pretendem e conseguem imprimir nesses limites. O poder, assim, é recolocado no centro da questão cultural e a "análise cultural deve entrelaçar-se com a análise de eventos e processos sociais e políticos" (GRIMSON, 2012, p. 85)<sup>6</sup>. Também é necessário pensar nas heterogeneidades (desigualdades, diferenças e conflitos) presentes dentro das comunidades, considerando que os grupos têm história e que seus símbolos, valores e práticas são recriados e reinventados constantemente, entendendo que

---

<sup>5</sup> Tradução da autora. Trecho original: "No hay algo humano afuera de la cultura".

<sup>6</sup> Tradução da autora. Trecho original: "El análisis cultural debe entrelazarse con el análisis de eventos y procesos sociales y políticos".



as fronteiras entre os grupos são muito mais porosas que a imagem de um mundo dividido – o mundo encontra-se interconectado e existem pessoas e grupos com interconexões regionais ou transnacionais diversas –; e que, portanto, as pessoas e os símbolos não podem ser associados de modo simplista a um território determinado. (GRIMSON, 2012, p. 61)<sup>7</sup>

No mesmo sentido, Wright (2010) explica que a Antropologia vem debatendo novos sentidos para o termo “cultura”, deixando de lado a antiga definição, que equipara uma cultura a um povo, sendo esta uma entidade com características definidas, imutáveis e geograficamente limitadas. As novas acepções para o termo, explica Wright, entendem a cultura como um processo político de luta pelo poder para definir conceitos-chave, inclusive o próprio conceito de cultura. Nessas novas ideias de cultura, os atores sociais utilizam os recursos que têm disponíveis para tentar fazer com que suas definições e ideias resistam e tornem-se hegemônicas; e os espaços para isso não estão restritos, pois as pessoas apelam a conexões locais, nacionais e globais para tal fim (WRIGHT, 2010).

Partindo das ideias do antropólogo Clifford Geertz, Grimson (2012, p. 86) sustenta que é importante enfatizar a construção de significados, esquecendo a noção de sistemas culturais.

Mesmo que não possamos (se é que alguma vez devemos) distinguir conjuntos consistentes e estáticos, o suposto fundamental é que as pessoas sempre buscam "fazer sentido" de suas vidas, que sempre fabricam tramas de significados e que, além disso, o fazem de maneiras distintas.<sup>8</sup>

Com esse recorrido, Grimson (2012) cunha o termo “configurações culturais”, com o objetivo de atender às experiências históricas desigualmente compartilhadas e às sedimentações e compreender as diferenças e semelhanças.

A ideia de configuração, enquanto noção aplicável à escala local, nacional ou transterritorial, permite entender como variam esses e outros sentidos dentro de um mesmo país ou regime de significação. 'Configuração' implica que onde as partes não se ignoram completamente entre si, onde integram alguma articulação, há um processo de constituição de hegemonia. (GRIMSON, 2012, p. 45)<sup>9</sup>

<sup>7</sup> Tradução da autora. Trecho original: “las fronteras entre los grupos son mucho más porosas que la imagen de un mundo dividido – el mundo se encuentra interconectado y existen personas y grupos con interconexiones regionales o transnacionales diversas –; y que, por lo tanto, las personas y los símbolos no pueden asociarse de modo simplista a un territorio determinado”.

<sup>8</sup> Tradução da autora. Trecho original: “Aunque ya no podemos (si es que alguna vez debimos) distinguir conjuntos consistentes y estáticos, el supuesto fundamental es que la gente siempre busca 'hacer sentido' de su vida, que siempre fabrica tramas de significado y que además lo hace de maneras diferentes”.

<sup>9</sup> Tradução da autora. Trecho original: “La idea de configuración, en tanto noción aplicable a escala local, nacional o transterritorial, permite comprender cómo varían esos y otros sentidos dentro de un mismo país o

Assim, o conceito de "configuração cultural" permite entender a heterogeneidade de cada espaço específico, com suas desigualdades e hierarquias próprias, assim como os múltiplos papéis dos atores sociais.

Uma confusão recorrente nas Ciências Sociais é de cultura e identidade. Grimson (2012) defende que os processos da cultura não coincidem, necessariamente, com os processos identitários. Além disso, sustenta esse autor, as identidades costumam ser mais híbridas que as culturas. Para refletir sobre o conceito de identidade, partir-se-á de Stuart Hall (2006).

Hall (2006) explica que a identidade é um conceito demasiadamente complexo, pouco compreendido nas Ciências Sociais e a respeito da qual, portanto, é difícil de se fazer afirmações conclusivas. A identidade cultural refere-se aos “aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (HALL, 2006, p. 8).

Conforme Hall (2006), as identidades modernas estão passando por um processo de deslocamento e fragmentação. O final do século XX foi marcado por uma mudança estrutural, fragmentando as paisagens culturais como gênero, nacionalidade e raça, que, no passado, forneciam localizações sólidas enquanto indivíduos sociais. As identidades pessoais também estão mudando, na medida em que a noção de sujeitos integrados está sendo abalada. Essa experiência de dúvida e incerteza, segundo Hall, marca uma crise de identidade para o indivíduo. O autor argumenta que, ao longo da história, existiram três concepções de identidade. Uma é o sujeito do Iluminismo, baseado numa concepção da pessoa como um indivíduo completamente centrado, dotado de razão, consciência e ação. Tais capacidades nasciam com o sujeito iluminista e desenvolviam-se ao longo de sua vida. “O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa” (HALL, 2006, p. 11). A segunda concepção é a do sujeito sociológico, que refletia a complexidade crescente do mundo moderno. Nessa visão, chamada de interativa, o sujeito não é mais visto como autossuficiente, mas formado na relação com o mundo e com as pessoas importantes para aquele indivíduo. A identidade moderna preenche o espaço entre o mundo pessoal e o mundo público.

O fato de que projetamos a ‘nós próprios’ nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os ‘parte de nós’, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que

ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, 'sutura') o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis. (HALL, 2006, p. 12)

Atualmente, afirma Hall (2006), o sujeito não possui mais uma identidade unificada e estável, mas várias identidades, algumas contraditórias ou não resolvidas. A identidade pós-moderna, assim, seria uma "celebração móvel", formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais o sujeito é representado ou interpelado pelos sistemas culturais que o rodeiam. O sujeito assume identidades diferentes em momentos diferentes e se depara, diariamente, com uma gama imensa de possíveis identidades.

No mesmo sentido, Grimson (2012) explica que as sociedades possuem suas "caixas de ferramentas identitárias", um conjunto de classificações disponíveis que permitem aos indivíduos identificarem a si e aos outros. As características dessa "caixa de ferramentas" permite ao investigador entender como a sociedade pensa sobre si e como seus membros atuam em relação aos demais. Cada uma dessas "ferramentas" tem relevância social, isto é, uma potência identificatória.

Utilizando a caixa de ferramentas identitária, um membro da sociedade identifica-se, é interpelado e interpela os outros, afilia-se e desfilia-se, estigmatiza e é estigmatizado, contraestigmatiza. Nesse processo de circulação social de categorias e classificações humanas disputam-se sentidos, desigualdades, hierarquias e poder. Essas disputas não são factíveis porque as categorias são compartilhadas, porque os significantes amarram-se a algum significado, mesmo que não necessariamente o mesmo para todos. (GRIMSON, 2012, p. 186)<sup>10</sup>

Assim, Grimson (2012) parte de uma distinção simples de cultura e identidade: cultura faz referência às práticas, crenças e significados rotineiros e fortemente sedimentados; identidade refere-se aos sentimentos de pertencimento a um coletivo e aos agrupamentos fundados em interesses compartilhados. Ou seja, o autor diferencia a trama de práticas e significados (cultura) de categorias de pertencimento (identidade). Além disso, os atributos (ser negro, índio, branco, pobre, rico) não têm relação de causalidade com as identidades. Isto é, não se pode naturalizar a noção de que, onde há uma cor de pele semelhante ou uma origem comum, há uma cultura e uma identidade compartilhadas (GRIMSON, 2012). Dessa forma,

---

<sup>10</sup> Tradução da autora. Trecho original: "Utilizando la caja de herramientas identitaria, un miembro de la sociedad se identifica, es interpelado e interpela a los otros: se afilia y se desafilia, estigmatiza y es estigmatizado, contraestigmatiza. En ese proceso de circulación social de categorías y clasificaciones humanas se disputan sentidos, desigualdades, jerarquías y poder. Esas disputas no son factibles porque las categorías se comparten, porque los significantes se anudan a algún significado, aunque no necesariamente al mismo para todos".

identidade cultural não é, necessariamente, o mesmo que identidade nacional, embora muitas vezes os dois conceitos confundam-se, visto que a nação é um dos elementos que podem definir uma identidade cultural. Afinal, ambos sustentam-se na memória (MÜLLER, 2003).

Para Anderson (2008, p. 32), a nação é “uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana”. Esse autor explica o uso de cada um dos termos utilizados. Em primeiro lugar, a nação é uma comunidade porque, independentemente da desigualdade existente entre seus membros, esta sempre é concebida em termos de sua horizontalidade. Por imaginada, o autor refere-se ao fato de que, embora os membros da nação jamais se conhecerão ou ouvirão falar uns dos outros, todos têm em mente a imagem de que possuem algo comum entre si. A nação é limitada porque, não importa seu tamanho, sempre terá fronteiras finitas, e é também soberana, isto é, separada da Igreja, pois o conceito de nação foi moldado na época em que o Iluminismo e os ideais da Revolução Francesa estavam destruindo a legitimidade da monarquia de ordem divina.

No mesmo sentido, Grimson (2002, p. 21) define nação como "uma categoria de classificação de grupos humanos que implica um sentimento de pertencimento a uma comunidade horizontal"<sup>11</sup>. Essa comunidade possui características e sentidos definidos em relações de poder, isto é, os Estados-nação instrumentalizam políticas identitárias, que são articuladas por diversos mediadores.

Os conceitos de Nação e nacionalismo estão fortemente vinculados à afetividade e ao pertencimento (GRIMSON, 2002; ANDERSON, 2008). O nacionalismo sustenta-se na nacionalidade para construir uma suposta identidade cultural e moral (de "nós" contra a dos "outros"), sendo um mecanismo homogeneizador e diferenciador. Já a nacionalidade pode ser entendida como a vivência subjetiva da nação, enquanto parâmetro de relação e interação entre grupos e pessoas (GRIMSON, 2002). Abarcando esses conceitos,

a nação é, ao mesmo tempo, uma forma peculiar da categoria de classificação de agrupamentos humanos e um modo de organizar ao menos duas categorias de pensamento com as quais se encontra intimamente ligada: o *espaço* – tanto em termos de território como de dentro/fora – e o *tempo* – simultaneamente passado e futuro, assim como 'atualidade'. A construção da nação requer *espacializar o tempo histórico*. (GRIMSON, 2002, p. 22)<sup>12</sup>

<sup>11</sup> Tradução da autora: Trecho original: "una categoría de clasificación de grupos humanos que implica un sentimiento de pertenencia a una comunidad horizontal".

<sup>12</sup> Tradução da autora. Trecho original: "La Nación es, al mismo tiempo, una forma peculiar de la categoría de clasificación de agrupamientos humanos y un modo de organizar al menos dos categorías del pensamiento con las que se encuentra imbricada: el *espacio* – tanto en términos de territorio como de adentro/afuera – y el *tiempo*

Os espaços nacionais são delimitados pelas fronteiras, um termo problemático em função de sua polissemia. Utiliza-se a palavra “fronteira” para referir-se a processos e categorias muito distintos: uma linha que aparece nos mapas, um rio que separa duas nações, o que contrasta sistemas legais e soberanias, o limite entre identidades e culturas. É importante, então, fazer uma diferenciação entre a fronteira jurídico-política, a institucional (que existe quando há intervenção das aduanas, dos controles de migração), a econômica (que às vezes distingue produtos pela sua origem), a soberana (que estabelece territórios de atuação das forças estatais), a identitária (fronteira vinculada às categorias de adesão das pessoas ou grupos), assim como o limite entre os regimes de significados (GRIMSON, 2012).

Assim, além de meros marcos físicos ou naturais, as fronteiras são também simbólicas, isto é, exercem um papel de referência mental, direcionando a percepção da realidade. Estas são, principalmente, culturais, pois operam no nível do imaginário, das representações coletivas que atribuem significados à realidade e que pautam os valores e a conduta (PESAVENTO, 2002). Nessa concepção, confrontam-se a alteridade e a identidade, contrapondo os “outros” a “nós” e vice-versa. Pesavento (2002) vai além, sustentando que as fronteiras também induzem a pensar na passagem, na comunicação, no diálogo e no intercâmbio.

Grimson (2002; 2012), porém, adverte que os espaços fronteiriços são reconhecidos como espaços de cruzamento e diálogo, mas também como lugares de conflito e desigualdades. Nas zonas fronteiriças, os desafios e tensões entre a continuidade e a mudança estão presentes de forma aguda, e a cotidianidade encontra-se atravessada pelas relações com os países vizinhos. Grimson também alerta que não se pode subestimar o papel de árbitro exercido pelo Estado nessas regiões, pois esse é o ente que mantém os sistemas de controle e repressão, como nos casos das migrações e de controle de contrabando, no risco de se cair no "essencialismo da irmandade". Tampouco se deve invisibilizar o conflito que muitas vezes caracteriza as zonas de fronteira, pois, quando se subestima o conflito como dimensão central do “contato entre culturas”, dificulta-se a visualização das assimetrias entre setores, grupos e Estados, assim como as dinâmicas de inclusão e exclusão.

As fronteiras constituem espaços de interação, de conflito, de estigmatização e de construção de novas alianças sociais e identidades culturais, sindicais e políticas. Por essa razão, permitem elucidar dois processos relativamente contraditórios: a

---

– simultáneamente pasado y porvenir, así como también 'actualidad'-. La construcción de la Nación requiere *espacializar el tiempo histórico*".

construção de distinções identitárias e a construção de elementos ou características compartilhadas por seus habitantes, além da fronteira política existente. (GRIMSON, 2002, p. 20)<sup>13</sup>

Pesavento (2002, p. 36) explica que “pelo contato e permeabilidade, a fronteira é, sobretudo, híbrida e mestiça”, ou seja, esta comporta dois estados de ser e ainda a possibilidade de um terceiro. Segundo Müller *et al.* (2011, p. 80), na fronteira de Santana do Livramento e Rivera (espaço estudado neste trabalho), há uma espécie de coexistência entre as identidades nacionais (brasileiro/uruguaio) e uma identidade fronteiriça: “Há situações em que são acionados elementos vinculados à identidade nacional (brasileira ou uruguaia) e outros em que a solicitação diz respeito às características de habitar um espaço de fronteiras nacionais”.

Por fim, Grimson (2012) afirma que cada região de fronteira deve ser estudada na sua particularidade. Não se pode adotar a cultura fronteiriça como um padrão homogêneo de crenças, práticas e identificações, pois as diferenças adquirem sentido na configuração cultural que a fronteira institui.

Nesse contexto, pergunta-se: como se dá o movimento da mídia, especificamente a imprensa local? Anderson (2008) sustenta que a imprensa foi um dos meios criados no século XVIII para representar a nação. A imprensa promove uma mudança na percepção do tempo entre os indivíduos, passando a ideia de simultaneidade (há diversos acontecimentos ocorrendo ao mesmo tempo) e a influência mútua (a ação de um indivíduo interfere na vida de outro, mesmo que essas pessoas não se conheçam). A imprensa, assim, ajuda a popularizar essa unidade imaginada que é a nação.

Partindo de Anderson, Grimson (2002), em estudo sobre o jornalismo local na província argentina de Misiones, que faz fronteira com o Brasil e o Paraguai, defende que os meios de comunicação são produtores identitários. As mudanças nas políticas estatais não produzem efeitos identitários imediatos e diretos sobre a população, pois antes são mediadas por sujeitos e instituições que possuem o papel socialmente legitimado para articular os discursos da sociedade política e da população. Assim, os meios de comunicação possuem um papel importante nos processos de redefinição das fronteiras e da história das comunidades nacionais.

---

<sup>13</sup> Tradução da autora. Trecho original: "Las fronteras constituyen espacios de interacción, de conflicto, de estigmatización tanto como de construcción de nuevas alianzas sociales e identidades culturales, sindicales y políticas. Por ello, permiten dilucidar dos procesos relativamente contradictorios: la construcción de distinciones identitarias y la construcción de elementos o rasgos compartidos por sus habitantes más allá de la frontera política existente”.

Porém, essa produção é realizada por sujeitos concretos, situados em um contexto social e histórico: os jornalistas, produtores, editores, apresentadores. Esses atores são produtores privilegiados de representações coletivas e coadjuvantes na fabricação cotidiana e reprodução das categorias de pensamento. Constituem-se, então, em instância articuladora entre a sociedade política e a população, podendo ser considerados coautores de identidades locais, regionais e globais em processo de transformação.

Esses sujeitos podem se posicionar de maneiras diversas e construir múltiplas narrativas identitárias. Seus discursos são o resultado de relações sociais localizadas, são a consequência da maneira concreta em que eles imaginam ou conhecem o mercado (o público), as linhas editoriais dos meios, as pressões políticas e são o produto de como eles constroem – dentro de margens específicas – um posicionamento frente a elas. (GRIMSON, 2002, p. 15)<sup>14</sup>

Grimson (2002), assim, não busca dados da realidade, mas dados de como os meios de comunicação ajudam a construir a maneira em que a percebemos, particularmente a definição de "nós" e "outros". Essa construção cotidiana das identidades e das representações é confrontada diariamente pelo convívio entre as pessoas, o que torna os processos comunicativos fronteiriços bastantes peculiares (BRANDALISE, 2002).

No mesmo sentido, Müller (2003) parte do princípio de que a mídia é um construtor do próprio conceito de fronteira, acrescentando que, nessa região, os limites entre o local e o internacional são difusos e mutáveis. O que acontece na cidade vizinha é muito mais local do que internacional, pois são fatos que interessam aos moradores de uma única comunidade, que habita e circula pelos dois lados.

Os fatos mais relevantes são os que dizem respeito à comunidade. Entretanto, nem sempre o que importa é o evento ter se desenrolado deste ou daquele lado da linha de fronteira. Mesmo a nacionalidade dos envolvidos pode não ter relevância, pois, com grande frequência, os moradores de Livramento-Rivera possuem dupla cidadania. (MÜLLER, 2003, sem página)

Com a popularização da *internet*, o cenário não mudou muito, considerando que a mídia continua interagindo com os cidadãos locais. Se a *web* é um meio no qual, tradicionalmente, informações vindas de outros lugares tornam-se mais acessíveis, esta também pode ser utilizada para o jornalismo local, como o *site* A Plateia. Segundo Barbosa

---

<sup>14</sup> Tradução da autora. Trecho original: "Esos sujetos pueden posicionarse de maneras diversas y construir múltiples narrativas identitarias. Sus discursos son el resultado de relaciones sociales localizadas, son la consecuencia de la manera concreta en que ellos imaginan o conocen el mercado (el público), las líneas editoriales de los medios, las presiones políticas y son el producto de cómo ellos construyen – dentro de márgenes específicos – un posicionamiento ante ellas”.

(2002), a ênfase do local na *web* tem como objetivo chamar a atenção da comunidade e criar um vínculo com esta por meio da proximidade. Assim como os jornais impressos fronteiriços, os *sites* jornalísticos da região de fronteira buscam “dar destaque ao que se passa nessas localidades, entrelaçando o local e o internacional a todo o momento, pois este é o movimento que aquela sociedade faz normal ou naturalmente” (MÜLLER, 2003, sem página).

Porém, além dos cidadãos locais, a mídia de fronteira *online* é acessada também por indivíduos que estão fisicamente distantes daquele contexto, o que traz a necessidade de uma reorganização desse espaço, procurando também atender esses “novos” usuários (MÜLLER *et al.*, 2012b).

A mídia, ao mostrar a fronteira para além do que uma rádio convencional ou um jornal impresso permitem, estabelece novos vínculos e abre portas para o conhecimento da cultura de fronteira. Os meios de comunicação dispostos no novo suporte produzem, portanto, novos significados e remete a interpretações de um espaço geopolítico, impregnado de preconceitos, que desenham a fronteira como o lugar da violência e do narcotráfico. (MÜLLER *et al.*, 2012b, p. 11)

Assim, para entender melhor de que forma esse “novo” meio “tensiona” o contexto da construção de identidades fronteiriças, é necessário fazer uma reflexão sobre as características da *web*, seu histórico e estado atual. Essa será uma das temáticas do próximo capítulo, que também tratará sobre a articulação da *web* e das questões culturais com o jornalismo esportivo.



### 3 WEBJORNALISMO E ESPORTE

Com o objetivo de entender melhor o meio com o qual se está lidando, serão apresentados neste capítulo alguns conceitos relativos à *web* e ao webjornalismo, com base em Mielniczuk (2003) e Pavlik (2005), dentre outros autores. Também se discutirá brevemente sobre o jornalismo local na *web*. Na segunda parte do capítulo, serão feitas algumas reflexões acerca do esporte e do jornalismo esportivo, bem como a sua relação com a *web* e com a questão das identidades, utilizando autores como Silveira (2009), Giulianotti (2002) e Negreiros (2003).

#### 3.1. WEBJORNALISMO

A expansão da *internet* nos anos 1990 deu origem à necessidade de o jornalismo apropriar-se dessa nova ferramenta. Vários autores apontam que a popularização da *internet* e, especificamente, da *web*<sup>15</sup>, afeta diretamente o jornalismo, que passa a apresentar novos formatos, usos e características (MIELNICZUK, 2003; SAAD, 2003; PAVLIK, 2005; SILVA, 2009; NUNES, 2013).

Bardoel e Deuze (2001) defendem que o componente tecnológico é um fator determinante na definição do webjornalismo, que é em sua essência diferente dos formatos jornalísticos anteriores. Segundo esses autores, o grande diferencial do webjornalismo seria o fato de este ser uma atividade praticada num ambiente de comunicação *online* e mediada por computadores.

As características dessa nova era jornalística são explicadas por Saad (2003), para quem o grande diferencial do webjornalismo em relação aos formatos anteriores é ser uma hipermídia, ou seja, mídia com suporte em computador a qual reúne na tela (seja de computador, celulares, *tablets* etc.) e numa interface gráfica amigável recursos de hipertexto,

---

<sup>15</sup> Aqui é necessário fazer uma distinção: para o público leigo, *internet* e *web* são termos sinônimos; no entanto, neste trabalho parte-se do entendimento de Mielniczuk (2003), que explica que a *web* é uma parte específica da *internet* onde são disponibilizadas interfaces gráficas amigáveis. Dessa forma, a autora utiliza o termo webjornalismo para referir-se aos produtos jornalísticos produzidos na rede. Alguns autores, como Nunes (2013), afirmam que o termo está defasado em função da introdução dos aplicativos jornalísticos, que não são próprios da *web*. Porém, uma vez que neste trabalho o foco é o *site* do Jornal A Plateia, acompanhar-se-á o posicionamento de Mielniczuk, adotando-se o termo webjornalismo.

imagens, animações e voz<sup>16</sup>. Dessa forma, a *internet* torna-se um meio muito mais maleável e menos estático que o impresso.

A hipertextualidade, assim, é a principal característica do webjornalismo, mas não é a única. Bardoel e Deuze (2001) citam quatro características do jornalismo na *web*: interatividade, customização de conteúdo, hipertextualidade e multimídia. Palacios (1999) parte dessa classificação e acrescenta o aspecto da memória; posteriormente, Mielniczuk (2003) inclui a instantaneidade. Têm-se, assim, seis características: hipertextualidade, interatividade, personalização do conteúdo, multimídia, memória e instantaneidade.

Por hipertextualidade, Mielniczuk (2003) refere-se ao hipertexto, o dispositivo de escrita formado por *hiperlinks* que conectam textos. O *hiperlink* é o elemento realmente inovador do hipertexto, pois é em função deste que o texto jornalístico é apresentado em um novo formato. A partir da notícia na *web*, o veículo pode direcionar os leitores para *sites* de fontes citadas, documentos, seções especiais, matérias relacionadas etc., ou seja, disponibilizar mais informações sobre o assunto. Esses *hiperlinks* também podem ajudar na organização e na disposição do *site*. “O hipertexto impõe uma lógica de funcionamento para a apresentação das informações na *web*, exercendo a função de matriz que organiza as informações no espaço e no tempo” (MIELNICZUK, 2003, p. 94).

Já o termo interatividade faz referência à participação do leitor no processo de produção da notícia, pelo estabelecimento de “relações” com a máquina, com a publicação, como o autor da matéria e outros leitores, por meio de *e-mails*, fóruns e enquetes, por exemplo. “Adota-se o termo multi-interativo para designar o conjunto de processos que envolvem a situação do leitor de um jornal na *web*” (MIELNICZUK, 2003, p. 41).

A personalização do conteúdo, também denominada customização ou individualização, consiste na possibilidade de configuração do conteúdo jornalístico de acordo com os interesses individuais do usuário (gostos e necessidades pessoais). Isso se dá, por exemplo, por meio da pré-seleção de assuntos de interesse, assim como sua hierarquização e diagramação (PALACIOS, 2003).

Também pode ser considerado como personalização, a possibilidade de cada leitor estabelecer um percurso individualizado de leitura a partir da navegação pelo hipertexto. Assim, cada indivíduo construiria um produto individualizado, fruto de sua leitura (suas escolhas individuais) pelos caminhos oferecidos na narrativa

---

<sup>16</sup> Entretanto, lembra Saad (2003), para que os recursos de hipermídia sejam explorados adequadamente, é necessário investir em tecnologia da informação, em desenvolvimento de sistemas e na formação dos profissionais de comunicação.

hipertextual. Isto significa que dois leitores, ao navegar pelo mesmo hipertexto, ao final, terão lido textos distintos. (MIELNICZUK, 2003, p. 45)

Outra característica é a multimedialidade, também chamada de convergência. “No contexto do webjornalismo, a multimedialidade caracteriza a convergência dos formatos das mídias tradicionais (imagem, texto e som) na narração do fato jornalístico em um mesmo suporte” (MIELNICZUK, 2003, p. 48). Como exemplos, pode-se citar as infografias, galerias de fotos, vídeos, *podcasts* etc.. Trata-se de uma característica mais presente nas seções especiais dos *sites* jornalísticos, equivalentes às grandes reportagens do jornalismo impresso, pois demandam maior tempo de produção.

A notícia na *internet* apresenta também o traço da instantaneidade, ou atualização contínua, pois proporciona atualização em tempo real. As informações podem ser atualizadas e recebidas continuamente. As seções chamadas “Últimas Notícias” surgem da exploração dessa possibilidade, passando ao leitor o caráter de urgência (MIELNICZUK, 2003).

Por fim, a memória é outra característica importante, pois, na *web*, o acúmulo de informações é mais viável, tanto técnica quanto economicamente. Dessa forma, as notícias não têm sua extensão limitada pelo tamanho disponível (como na mídia impressa) ou pelo tempo possível de veiculação (como no rádio ou na televisão). Também é maior a disponibilização imediata de material antigo, tornado acessível ao leitor e trazendo mudanças na produção e na recepção do conteúdo jornalístico (MIELNICZUK, 2003).

Sem limitações de espaço, numa situação de extrema rapidez de acesso e alimentação (Instantaneidade e Interatividade) e de grande flexibilidade combinatória (Hipertextualidade), o Jornalismo tem na *Web* a sua primeira forma de Memória Múltipla, Instantânea e Cumulativa. (PALACIOS, 2003, p. 8)

Todas essas características, porém, não foram incorporadas aos produtos jornalísticos na *web* de forma instantânea, mas, sim, gradualmente. Nesse sentido, Saad (2003, p. 58) lembra a transitoriedade das práticas na *internet*: qualquer estudo sobre as novas tecnologias deve considerar esse caráter não definitivo, bem como a demora na consolidação de experiências. Afinal, esse “é um momento de transição, de redefinição de padrões, de busca de uma nova linguagem”.

Pavlik (2005) acrescenta que não se pode creditar apenas a *internet* por todas essas transformações: é todo um conjunto de formas econômicas, reguladoras e culturais que, com um processo de convergência, provoca mudanças no caráter do jornalismo. A *internet*, assim, está inserida nesse contexto e é um sintoma de uma mudança tecnológica radical, marcada

pela convergência das telecomunicações, da informática e dos meios de comunicação tradicionais.

Mostrando a evolução gradual do uso da *web* no meio jornalístico, Pavlik (2005) e Mielniczuk (2003) dividem a trajetória da notícia feita para a *web* em três momentos, gerando categorizações similares. Aqui cabe a ressalva de Mielniczuk (2003), que alerta que tal classificação refere-se “à trajetória do conjunto de experiências e não, à evolução individual dos webjornais” (MIELNICZUK, 2003, p. 31-32); dessa forma, em um mesmo período de tempo, pode-se encontrar meios que estejam em gerações diferentes: meios mais antigos podem estar na primeira geração e meios mais novos na terceira, por exemplo.

Para Pavlik (2005), a primeira etapa dos produtos jornalísticos na *web* caracteriza-se pela republicação ou “reciclagem” de conteúdos feitos para as edições impressas. Pode-se dizer que essa fase é equivalente à primeira geração proposta por Mielniczuk (2003), chamada pela autora de fase da transposição. Os primeiros projetos jornalísticos na *web* surgem da necessidade dos meios de comunicação ocuparem esse novo espaço e, nesse primeiro momento, os *sites* jornalísticos consistiam na simples transposição das principais matérias veiculadas pelos jornais impressos. A rotina de produção seguia a das edições em papel: o material era atualizado a cada 24 horas, de acordo com o fechamento das edições impressas. O conteúdo também era restrito: normalmente, utilizavam-se uma ou duas matérias principais de algumas editorias. A própria rotina produtiva era vinculada à do jornal em papel e não havia preocupação em inovar na apresentação das notícias ou de explorar as possibilidades trazidas pelo novo meio (MIELNICZUK, 2003).

Já a segunda fase, apontada por Pavlik (2005), estava tomando forma na época em que foi escrita a primeira edição do seu livro (publicada em 1999). Nesse momento, em função da expansão e a popularidade da rede, algumas potencialidades da *web* começam, lentamente, a ser exploradas e surgem algumas experiências inovadoras, ainda que muito atreladas à rotina e à lógica do jornal impresso, em razão de sua credibilidade e rentabilidade (MIELNICZUK, 2003). Aos poucos, os conteúdos passam a apresentar alguns recursos, tais como o uso de *hiperlinks*, ferramentas interativas (fóruns, enquetes, comunicação com o jornalista via *e-mail*), eventuais conteúdos multimídia e alguma personalização dos *sites* (PAVLIK, 2005). Mielniczuk (2003) denomina essa etapa como a fase da metáfora.

Então, em um terceiro momento, chamado por Mielniczuk (2003) de fase do webjornalismo, a própria infraestrutura da rede já está mais avançada e permite o uso mais intenso de recursos multimídia. Os *sites* jornalísticos extrapolam o paradigma do impresso, explorando e aplicando de forma mais efetiva algumas características próprias da *web*. É

possível encontrar conteúdos produzidos exclusivamente para a *web*, que experimentam novas formas narrativas, gerando o que Pavlik (2005) denomina reportagens informativas mais contextualizadas.

Nesse estágio, entre outras possibilidades, os produtos jornalísticos apresentam recursos em multimídia, como sons e animações, que enriquecem a narrativa jornalística; oferecem recursos de interatividade, como *chats* com a participação de personalidades públicas, enquetes, fóruns de discussões; disponibilizam opções para a configuração do produto de acordo com interesses pessoais de cada leitor/usuário; apresentam a utilização do hipertexto não apenas como um recurso de organização das informações da edição, mas também começam a empregá-lo na narrativa de fatos. (MIELNICZUK, 2003, p. 36)

Posteriormente ao trabalho de Mielniczuk (2003) e Pavlik (2005), outros autores, como Barbosa (2007), Silva (2009) e Nunes (2013) sugeriram atualizações a essa periodização.

A quarta geração foi descrita por Barbosa (2007), que a denominou de Jornalismo Digital em Base de Dados<sup>17</sup>. A autora sustenta que as bases de dados (BDs) asseguram novas funcionalidades na construção e gestão de produtos jornalísticos digitais e também na apresentação e na estruturação de conteúdos, criando um novo paradigma no jornalismo. Partindo do entendimento das BDs como sinônimos de “estocagem, armazenamento estruturado de informações nos computadores para fácil recuperação” (BARBOSA, 2007, p. 104), a autora relata que o uso dessas bases não é novo, já estando presente no jornalismo desde os anos 1970. Considerando que a *web* é um ambiente propício para o estabelecimento de práticas e formas culturais, com a sua expansão, ocorrida no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, as BDs passaram a adquirir novos significados, tornando-se “complexos de armazenagem de formas culturais” (BARBOSA, 2007, p. 58).

Sendo a *internet* também um grande repositório de informação, ela fornece as condições para o surgimento de novas formas culturais. Formas essas que, em boa medida, usarão as BDs como estrutura e suporte para indefinidos tipos de *sites* que circularão na *web*. (BARBOSA, 2007, p. 62)

Se, nos anos 1970, as BDs representaram uma inovação na forma de obtenção de informação, acrescentando mais contexto e profundidade às matérias, hoje estas são vistas como o diferencial e a especificidade do jornalismo digital em relação às outras modalidades. Isto é, as bases de dados são atualmente essenciais aos produtos jornalísticos, para que estes

---

<sup>17</sup> Note-se que a autora utiliza o termo “jornalismo digital” em vez de “webjornalismo”.

possam publicar conteúdos mais qualificados (tanto na apresentação quanto na profundidade das informações). Assim, Barbosa (2007) chega ao seguinte conceito de BDs:

Definidoras da estrutura e da organização, bem como da apresentação dos conteúdos de natureza jornalística. Elas são o elemento fundamental na constituição de sistemas complexos para a criação, manutenção, atualização, disponibilização e circulação de produtos jornalísticos digitais dinâmicos. (BARBOSA, 2007, p. 214)

O Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD) apresenta um novo paradigma, caracterizado por inovações na composição, apresentação e visualização do conteúdo, bem como no próprio processo de produção jornalística, “configurando, então, um cenário de dupla via caracterizado por remediações e rupturas” (BARBOSA, 2007, p. 155).

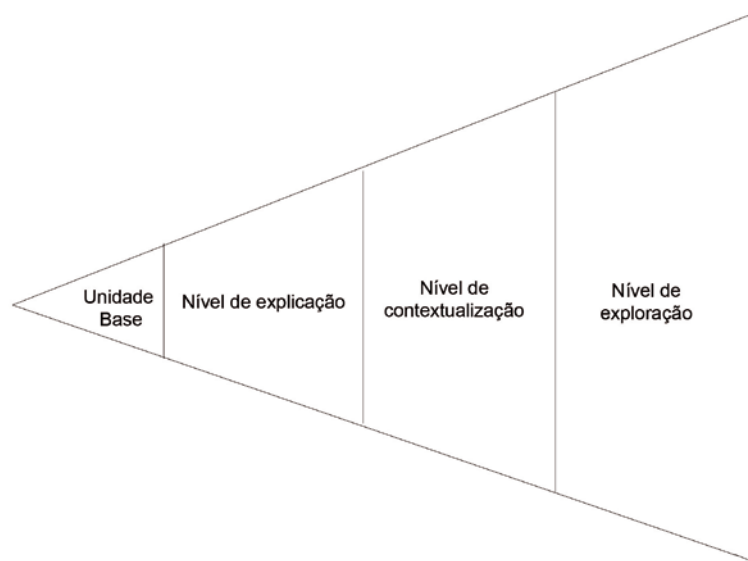
Até mesmo uma das técnicas mais tradicionais de redação jornalística, a pirâmide invertida<sup>18</sup>, sofre adaptações com a introdução do JDBD. Canavilhas (2006) considera a pirâmide invertida como limitadora, no caso do webjornalismo, em função de não permitir a aplicação de várias possibilidades e recursos da *web*. O autor propõe, então, a técnica da pirâmide deitada<sup>19</sup>, estruturada conforme a figura a seguir.

---

<sup>18</sup>A pirâmide invertida consiste em iniciar a redação da notícia pelos dados mais importantes (o lide), que respondem às perguntas: Quem? O quê? Onde? Quando? Como? Por quê? A essas informações, seguem-se os demais dados, organizados em blocos decrescentes de interesse (CANAVILHAS, 2006).

<sup>19</sup> Na técnica da pirâmide deitada, a variável de referência é a quantidade e a variedade de informação. Por essa perspectiva, o jornalista que produz conteúdo para a *web* deve estruturar a notícia partindo dos níveis com menos informação para os blocos com dados mais aprofundados. Devem, então, ser desenvolvidos quatro níveis de leitura. O primeiro é a Unidade Base, correspondente ao lide do jornalismo impresso, em que se responde o essencial sobre um fato: quem, o quê, onde e quando. O segundo bloco corresponde ao Nível de Explicação, contendo as respostas do por que e do como, complementando a informação trazida no primeiro nível. Em seguida, vem o Nível de Contextualização, contendo informação multimídia (vídeos, áudios, textos, infográficos etc.), e o Nível de Exploração, que liga aquela notícia a recursos externos, outras notícias relacionadas etc..

**Figura 1 - Pirâmide deitada**



**Fonte: Canavilhas (2006)**

Adiante na sequência evolutiva do webjornalismo, Silva (2009) e Nunes (2013) discutem a chamada quinta geração, atrelada ao desenvolvimento e expansão da comunicação móvel. Silva (2009, p. 4) define o jornalismo móvel como a

articulação da produção, da distribuição ou do consumo de informação jornalística em condições de mobilidade - pelo agente produtor e/ou agente consumidor - a partir do uso dessas tecnologias móveis digitais e conexões de rede sem fio.

Como características da quinta geração, pode-se citar a independência do espaço *web*, a amplificação do potencial *offline* (a conexão é importante para atualização e *download*, mas a leitura e visualização podem ser feitas *offline*), a influência do impresso na construção visual, na organização de conteúdo, na hierarquização noticiosa e no *design* gráfico, bem como a já citada mobilidade (NUNES, 2013).

Depois de todo esse recorrido pelas características e história do webjornalismo, pode-se refletir sobre de que forma tal contexto pode mudar ou transformar o jornalismo. Pavlik (2005) sustenta que o avanço dos novos meios está dando origem a novas técnicas narrativas, que proporcionam ao público uma informação mais contextualizada. O autor denomina esse novo formato de “jornalismo contextualizado”, que pode ser desdobrado em cinco dimensões:

a) amplitude das modalidades comunicativas: inclusão de áudio, texto, vídeo, gráficos etc., enfim, possibilidades que permitem ao jornalista dar a informação de forma mais conveniente e completa. Entretanto, por falta de formação dos jornalistas e pela escassez de recursos, a incorporação do multimídia ainda é muito lenta;

b) o hiperlink: os *hyperlinks*, que facilitam a conexão entre as notícias (ou entre os conteúdos, de forma geral);

c) mais participação por parte da audiência: isso se deve ao fato de que a *web* é um meio muito mais ativo do que passivo (ou contemplativo);

d) maior dinamicidade dos conteúdos;

e) a já citada personalização dos conteúdos.

Pavlik (2005, p. 52-53) também tem uma visão otimista do que os meios digitais podem trazer para o jornalismo. Para esse autor,

o jornalismo contextualizado pode aportar à cidadania e à democracia vários benefícios, como uma informação mais interessante, completa e que reflita melhor as complexidades e matizes de uma sociedade cada vez mais diversa e plural (...) Somente um meio digital, de banda larga e interativo, pode brindar o contexto de uns acontecimentos informativos multidimensionais e complexos, nos quais o ponto de vista é básico para compreender toda a verdade que se encontra por trás das notícias.<sup>20</sup>

Segundo o autor, atualmente o jornalismo “fala” para uma audiência global, muito maior e diversificada. Essas pessoas podem estar incorporadas a um território geográfico; porém, indivíduos que vivem distantes do local de produção da notícia, em outros estados ou países, também fazem parte da audiência.

De qualquer forma, a conexão com a comunidade ainda é uma função primordial nos meios digitais, pois “a maioria das pessoas acessa a rede para conectar-se com as notícias de sua comunidade, seja ela geográfica ou espiritual”<sup>21</sup> (PAVLIK, 2005, p. 62). Nesse sentido, Barbosa (2002, p. 8) observa que “o aspecto local vem sendo privilegiado, refletindo uma contiguidade com essa realidade expressa no espaço territorial”. A autora observa que essa é uma tendência crescente na *web*, mesmo que os portais regionais não concorram com os grandes portais nacionais. Outra característica do jornalismo local na *web* é a sua linguagem

<sup>20</sup> Tradução da autora para o trecho: “El periodismo contextualizado puede aportar a la ciudadanía y a la democracia beneficios varios, como una información más interesante, completa y que refleje mejor las complejidades y matices de una sociedad cada vez más diversa y plural (...) Sólo un medio digital, de banda ancha e interactivo, puede brindar el contexto de unos acontecimientos informativos multidimensionales y complejos, en los cuales el punto de vista es básico para comprender toda la verdad que se halla tras las noticias.”

<sup>21</sup> Tradução da autora. Trecho original: “la mayoría de las personas entran en la red para conectar con las noticia de su comunidad, ya sea geográfica o espiritual”



híbrida, que mescla o jornalismo diário (matérias factuais, de atualização contínua) e semanal (notícias especiais, que ficam mais tempo em destaque). Barbosa (2002) sustenta que os portais locais são os que mais conseguem aproveitar as características da *web*.

Eles facilitam o acesso a conteúdos originais e interativos, que contemplam notícias e reportagens em geral sobre cidade, turismo, cultura, esportes, lazer, serviços, entretenimento e diversão, intensificando, ao mesmo tempo, os laços sociais e o sentimento de pertencimento a uma comunidade (BARBOSA, 2002, p. 8).

Assim, segundo Barbosa (2002), esses portais regionais valem-se dessa proximidade como um diferencial para atrair o leitor. O leitor de A Plateia *online*, quando busca uma notícia no *site*, procura saber sobre os acontecimentos no contexto local, em que o ele, leitor, está inserido (MÜLLER *et al.*, 2011).

A mídia de fronteira *online* interage com os cidadãos locais e com os cidadãos do mundo, o que leva a supor uma reorganização desse espaço, no sentido de pensar a sua programação tendo em vista este ouvinte, leitor, espectador internauta, procurando transformar e adequar as informações e os saberes de modo a refletir sobre suas práticas e seus fazeres. (MÜLLER *et al.*, 2012b, p. 10)

Dessa forma, considerando o apelo e a importância que o jornalismo fronteiriço *online* tem junto às suas comunidades, acredita-se que este constitui um campo importante de investigação. Porém, considerando a temática deste trabalho, ainda é necessário incluir outro âmbito, o do jornalismo esportivo. Este será o tema do subcapítulo a seguir.

### 3.2. WEB E JORNALISMO ESPORTIVO

O jornalismo esportivo é outro gênero que incorporou as características da *web* de instantaneidade, agilidade e interatividade. No entanto, para entender melhor como esse gênero jornalístico tem se adaptado à *web*, primeiramente é necessário entender alguns conceitos gerais em relação ao esporte e um pouco de história e das práticas do jornalismo esportivo.

Parte-se do conceito de esporte tal como apresentado por Alcoba López (2011): uma atividade física individual ou coletiva, praticada de forma lúdica ou competitiva. Também é apropriado destacar o entendimento de Borelli (2002), que distingue dois aspectos: o esporte enquanto tal, isto é, a prática cujos atores são os atletas, dirigentes técnicos etc., e o esporte

como construção midiática, que sofre processos de elaboração, enquadramento e produção de sentido pela mídia.

Alcoba López (2011) defende que o primeiro esporte inventado pela humanidade foi o de lançamento de pedras, ainda na Pré-História. Depois do primeiro arremesso, seu autor lançou outra pedra e deu-se conta que algo lhe fez reagir e fazer seu intelecto trabalhar, pois percebeu que uma das pedras foi mais longe que a outra. O próximo passo foi desafiar outra pessoa para ver quem atiraria mais longe a pedra. Assim, criou-se a competição. Passa-se do jogo simples, sem outra motivação que o lazer, à disputa, em que predomina o desejo de ganhar. Nesse momento, os esportistas passam a se preparar para as competições; os esportes complexificam-se (são adotadas regras, por exemplo); e surgem novas modalidades.

A proclamação dos vencedores é o primeiro aspecto propagandístico e comunicacional de importância do esporte, pois é o fato que permitiu formular a ampliação da prática não mais como assunto particular, mas como algo que interessa a grupos diversos. Posteriormente e aos poucos, o jogo vai saindo do estágio de simples entretenimento para receber novas dimensões, como a de uma atividade atrativa para as massas. Mesmo que a atividade lúdica não desapareça, a atividade competitiva desperta o interesse dos poderes públicos (governantes, militares e religiosos) em utilizar o esporte para seus interesses particulares (ALCOBA LÓPEZ, 2011).

Porém, as bases do jornalismo esportivo só vão surgir muito tempo depois. Apesar do primeiro jornal dedicado exclusivamente ao esporte no mundo ter sido lançado em 1828, na França, no Brasil o tema só começa a receber mais atenção da imprensa no início do século XX (SILVEIRA, 2009). É no contexto da progressiva diferenciação entre publicidade e jornalismo e da regulação da atividade jornalística que o periódico paulista *Fanfulla* começa, em 1910, a dedicar espaços para o futebol amador (SILVEIRA, 2009; COELHO, 2004). “O jornal trazia relatos de página inteira num tempo em que esse esporte ainda não cativava multidões” (COELHO, 2004, p. 8); pelo contrário, nessa época, o futebol era um esporte de elite. Coelho (2004) conta que foi apenas na década de 1920, com a aceitação dos jogadores negros no futebol, que a modalidade passou a se popularizar. Se, por um lado, o futebol chegou ao Brasil como um esporte praticado pela elite, por outro este se tornou tão popular que o jornalismo esportivo expandiu-se lutando contra o preconceito de que publicações voltadas ao esporte “não vingariam”, pois interessariam apenas às classes mais baixas (COELHO, 2004).

Nesse contexto, um jornal que trate exclusivamente do tema esporte só aparece em 1931, quando é lançado, no Rio de Janeiro, o *Jornal dos Sports*. No Rio Grande do Sul, a

Empresa Jornalística Caldas Júnior cria, em 1949, o matutino Folha Esportiva, considerado o primeiro jornal esportivo do estado (SILVEIRA, 2009).

Vários aspectos devem ser considerados no aumento da importância do esporte enquanto assunto jornalístico. Um desses fatores é o fato de que, a partir dos anos 1950, a imprensa passa por um processo gradativo de especialização, isto é, de divisão dos jornalistas por editorias ou assuntos. O esporte, naturalmente, é um desses temas nos quais os jornalistas especializam-se. Além disso, com a conquista da Copa do Mundo de Futebol pela Seleção Brasileira, em 1958, o esporte passa a ser visto como uma área de cobertura importante, principalmente o futebol, que “ingressa no espaço nobre da imprensa” (SILVEIRA, 2009, p. 20). Os grandes jornais passaram a veicular grandes cadernos esportivos apenas nos anos 1960 (COELHO, 2004).

O surgimento da primeira revista esportiva com publicação regular e periódica, a Placar, nos anos 1970, também é um marco na história do jornalismo esportivo brasileiro. Isso se deve ao fato de o veículo ter introduzido uma maior profissionalização na cobertura esportiva e mais precisão nos relatos, que eram até então dominados pelas crônicas esportivas, mais emotivas e pouco comprometidas com a objetividade. Some-se, nesse contexto, a progressiva profissionalização do esporte, a partir da qual “o jogo se torna um espetáculo e aumenta sua popularidade” (SILVEIRA, 2009, p. 39).

Borelli (2002) teoriza sobre as características do jornalismo esportivo na atualidade. Segundo a autora, o jornalismo esportivo é “uma atividade regional, muito particular, realizada dentro de um contexto maior – o jornalismo como um todo –, com pretensão de cobrir determinados assuntos” (BORELLI, 2002, p. 2). É a editoria mais autônoma dos veículos e, nesse sentido, os colunistas possuem um papel fundamental, pois apresentam opiniões diversas entre si. O jornalismo esportivo é uma “grande conversação”, um “mundo polifônico”, em virtude de engendrar diversos discursos. A utilização frequente de recursos (tais como *boxes*, tabelas, figuras, vinhetas) para enriquecer a cobertura também é particularidade do jornalismo esportivo. Com isso, as notícias esportivas valem-se de uma “pedagogia jornalística”, a fim de tornar o assunto mais didático.

Esta constatação é explicada, em parte, pelo fato de a editoria de esportes (...) gozar de relativa liberdade e pelas próprias características da produção de sentido neste campo, permeado por esta grande ‘conversação’. (BORELLI, 2002, p. 19)

Como se vê, outra característica apontada por Borelli (2002) é a maior liberdade de formato. Se a editoria de esportes utiliza as ferramentas jornalísticas (técnicas de redação, por

exemplo), esta também incorpora fatores característicos do esporte, como uma linguagem mais despojada e uso de termos de combate. Afinal, explica Silveira (2009, p. 72), “o jornalismo esportivo apresentou um novo modelo de realização e explicação ao sair do apenas técnico, de seriedade, para um mais ‘solto’, emotivo, pois envolve os sentimentos dos aficionados”. No mesmo sentido, Costa (2010, p. 66) observa que a imprensa esportiva é o principal meio pelo qual o esporte circula pela vida cotidiana, no imaginário, nas conversas dos indivíduos, “se perpetuando através de histórias e narrativas coletivamente compartilhadas”. Segundo a autora, o jornalismo esportivo incorpora uma linguagem típica do folhetim, que enfatiza temas como sentimentos, emoções e conflitos. Muitas vezes, a imprensa esportiva sustenta “uma visão de mundo maniqueísta, dividida entre o bem e o mal, o certo e o errado, entre heróis e vilões” (COSTA, 2010, p. 68).

Coelho (2004) relata as difíceis condições de trabalho dos jornalistas esportivos brasileiros na atualidade. Com exceção de quatro grandes jornais (O Estado de S. Paulo, a Folha de S. Paulo, O Globo e Zero Hora) e de uma editora (Abril), que concentram profissionais devidamente capacitados e bem remunerados, de um modo geral, os salários são baixos e há poucos jornalistas para dar conta de uma grande carga de trabalho. Por essa desvalorização, a editoria de esportes costuma ser a porta de entrada dos jornalistas novatos nas redações, mas, na primeira chance, esses profissionais preferem migrar para outras seções, mais bem remuneradas. Além disso, dedica-se muito mais espaço ao futebol do que a outros esportes, tanto é que “nas editorias de esporte, geralmente fica bem separada a equipe que se dedica a futebol da que faz outras modalidades” (COELHO, 2004, p. 36). Se focar-se em outros esportes (automobilismo, vôlei, basquete, atletismo etc.) requer alta especialização (pois cada modalidade tem suas especificidades), isso nem sempre é possível, porque o jornalista que cobre competições de basquete também deve cobrir atletismo, por exemplo.

Esse autor também critica a confusão entre jornalismo esportivo e espetáculo, ocorrido principalmente na televisão. Ao dizer que a emissora detentora dos direitos de transmissão do Campeonato Brasileiro de Futebol transmite os jogos como um *show*, Coelho (2004) quer dizer que a transmissão dá a entender que tudo está perfeito: não se apontam problemas como o pequeno público, o baixo nível técnico da partida ou as más condições do gramado. “Nenhuma matéria está assim tão escancarada diante do jornalista quanto o evento esportivo. E, no entanto, é a matéria jornalística o que menos aparece em transmissão. Tudo o que importa, afinal, é o show dos locutores e repórteres” (COELHO, 2004, p. 64). Já Silveira (2009, p. 68) defende que “a comunicação esportiva deve ir além do puro espetáculo, da simples narração da partida ou descrição do esporte”, porque o jornalista precisa ter

conhecimento suficiente para mencionar também dados técnicos sobre a prática. Essa autora lembra que o esporte envolve diversas outras dimensões da vida pública, como política, economia, saúde e direito, e os profissionais devem estar preparados para lidar com tais assuntos.

Silveira (2009) afirma que o esporte é tema de jornalismo especializado, referindo-se tanto à limitação do tema quanto à segmentação do público. A dedicação a certos temas e a proximidade com o universo do leitor são eixos centrais nessa categoria. Já Alcoba López (1980 *apud* SILVEIRA, 2009, p. 55) define o jornalismo esportivo como gênero superespecializado, “em razão da complexidade existente no tema que trata de refletir nos instrumentos de comunicação coletiva, com o fim de atender a uma demanda exigida por uma massa”. Por sua vez, Coelho (2004) defende a especialização e aperfeiçoamento constante do jornalista esportivo como forma de rebater o preconceito que existe em relação à área.

Se, por um lado, o jornalismo esportivo necessitou especializar-se cada vez mais, por outro, precisou sair da mera divulgação de resultados para incluir aspectos como a preparação para as partidas e o cenário pós-jogo. Isto é, sua abrangência aumentou para além do acontecimento central (o jogo). Como explica Borelli (2002, p. 9),

Para as mídias em geral, o esporte é muito mais que a ocorrência do fato em si (o esporte enquanto tal, o jogo dentro de campo), ele não é tematizado apenas nesta temporalidade, pois há a preparação para o jogo (uma pré-agenda) e também ressonâncias do acontecimento (as repercussões), que chamamos de pós-agenda.

O fenômeno da *web* também vem realizando transformações no âmbito do jornalismo esportivo. Nos anos 1990, o gênero não fugiu à expansão e popularização da internet no Brasil, tendo que entrar nesse “novo” meio. Silveira (2009) relata que o primeiro diário esportivo *online* brasileiro foi o Portal Lance!, criado em 1997. A apropriação da *web* pelo jornalismo esportivo é um passo importante, segundo a autora, pois, apesar de ser um meio universal, de grande abrangência e capacidade de veiculação do conteúdo, a massificação da rede também traz uma grande fragmentação do consumo de informações.

Para Silva e Guimarães (2012), o webjornalismo oferece uma alternativa ao monopólio do futebol profissional praticado pela mídia impressa audiovisual, em função da facilidade de criação e manutenção de conteúdo. Dessa forma, portais jornalísticos podem dar mais destaque a outros esportes, que recebem pouquíssima cobertura em jornais, rádios e canais de televisão. Além disso, há a possibilidade do surgimento de *blogs* e perfis do *Twitter* que tratem desses outros esportes, por exemplo. Acredita-se que o esporte amador também

vem sendo beneficiado com o webjornalismo. Já Amaro e Silva (2011) acreditam não haver diferença significativa entre os critérios de noticiabilidade utilizados pelos meios tradicionais e por dois grandes portais esportivos (Globo Esporte e Lance!). Nos casos analisados, os autores encontraram o polo informativo centrado no emissor, com pouco espaço para manifestações do receptor, e a predominância de notícias sobre futebol, com pequeno espaço para outros esportes.

Em estudo sobre o jornalismo esportivo catalão na *web*, Lorenzo Navarro (2013) observa que os meios esportivos ainda não utilizam plenamente os recursos oferecidos pelo meio. Os veículos analisados pela autora valem-se de alguns recursos, como *plug-ins* para o compartilhamento de notícias via *Facebook*, *Twitter* e *Youtube*. No entanto, Lorenzo Navarro (2013, p. 72) ressalta que há ferramentas que poderiam ser mais bem utilizadas, como canais de vídeos, considerando que o jornalismo esportivo possui um “vínculo íntimo com os conteúdos de imagens e vídeos como meio para a exaltação de emoções”<sup>22</sup>.

Este trabalho acompanha o posicionamento de Silveira (2009), Mello (2007), Alcoba López (2011) e Moragas Spà (1994), que defendem que o esporte não pode ser visto como uma mera distração, pois possui diversas facetas: é uma atividade lúdica, traz diversos benefícios para a saúde (tanto física quanto mental), incorpora aspectos políticos e econômicos e é também um espetáculo. Para Moragas Spà (1994), o papel do esporte na sociedade contemporânea transcende o âmbito da atividade física, implicando, também, no âmbito da cultura cotidiana. Este influi nos processos de socialização, determinando como os indivíduos passam seu tempo livre, e torna-se referência nos processos de identificação. É necessário, assim, considerar o papel do esporte na organização do imaginário e na vida cotidiana das pessoas, ou seja, seu papel social e simbólico. Por meio deste, são configurados diversos sistemas de valores: processos de iniciação social, identificação coletiva, delimitação geopolítica, nacionalismos etc.. Nesse mesmo sentido, Alcoba López (2011) defende que a cultura da humanidade constituiu-se, em grande medida, pela atividade física dos seres humanos, ao permitir-lhes percorrer longos trajetos, mover pesos e transpor obstáculos, com a criação de um exercício físico voluntário: o jogo.

Na América do Sul, o esporte, especificamente o futebol, está intimamente vinculado aos processos de construção das identidades nacionais (GIULIANOTTI, 2002). No continente, o esporte foi introduzido pelos ingleses, mas posteriormente foi apropriado pelos governos nacionais, que o usaram como veículo para ajudar a criar a ideia de nação.

---

<sup>22</sup> Tradução da autora. Trecho original: “vínculo íntimo con los contenidos de imágenes y videos como medio para la exaltación de emociones”

Giulianotti (2002, p. 51) sustenta que “muitas nações podem clamar serem ‘loucas por futebol’, mas nenhuma se iguala à dependência nacional dos uruguaios em relação ao jogo”. O futebol chegou ao Uruguai ao mesmo tempo em que muitos imigrantes europeus estavam instalando-se na capital, Montevideú, e que esses “novos uruguaios” precisavam de símbolos culturais que os unissem como nação. Esse vácuo, aos poucos, foi preenchido pelo futebol. Ainda hoje, a população uruguaia realiza “profundos investimentos emocionais e nacionalistas” (GIULIANOTTI, 2002, p. 51) no futebol.

Já no Brasil, Negreiros (2003, p. 151) explica que o futebol tornou-se um “forjador da identidade nacional”, ou, nas palavras de Franco Júnior (2007), “o nacionalismo brasileiro sempre calçou chuteiras”. Nesse sentido, a imprensa desempenhou um papel importante, além da simples informação e análise, animando o torcedor ou iludindo-o com um otimismo exacerbado (NEGREIROS, 2003).

A capacidade de promover a identificação do público é justamente uma das influências recíprocas entre mídia e esporte apontadas por Mello (2007). Uma vez inserido no contexto midiático, o esporte passa a falar para uma coletividade, isto é, uma vitória ou uma derrota não é apenas do time ou do atleta, mas de toda a nação. As narrativas esportivas articulam-se com as narrativas identitárias, sejam estas nacionais (Brasil x Argentina) ou regionais (quando uma equipe paulista enfrenta uma equipe sul-rio-grandense, por exemplo). Também por meio do resgate da memória, o jornalismo esportivo suscita um sentimento de identificação coletiva ao redor de uma identidade já existente (MELLO, 2007).

Esta nova situação afeta também os aspectos culturais mais profundos das relações entre cidadãos e esporte. Aumenta notavelmente o triunfo da vitória, que agora se torna um acontecimento pelo menos... nacional, mas também aumenta o drama da derrota. (...) Conseguir a quarta ou quinta posição nos Jogos Olímpicos, perder uma partida de futebol, pode chegar a ser vivido como um fracasso nacional. (MORAGAS SPÀ, 1994, sem página)<sup>23</sup>

Com essa linha de pensamento, é possível entender por que, no presente estudo, optou-se por trabalhar com notícias esportivas. Para compreender o papel simbólico e social do esporte, é necessário relacioná-lo com os meios de comunicação, que não só difundem os

---

<sup>23</sup> Tradução da autora para o trecho: “Esta nueva situación afecta también a los aspectos culturales más profundos de las relaciones entre los ciudadanos y el deporte. Se incrementa notablemente el triunfalismo de la victoria, que ahora se magnifica como acontecimiento por lo menos ... nacional, pero también aumenta el dramatismo de la derrota. (...) Conseguir la cuarta o quinta posición en unos Juegos Olímpicos, perder un partido de fútbol, puede llegar a ser vivido como un fracaso nacional.”

valores e usos sociais do esporte, como também os transformam (MELLO, 2007; MORAGAS SPÀ, 1994). Sendo uma manifestação cultural, o esporte é capaz de criar ou reforçar identidades e “é através da sua relação com os meios de comunicação que ele consegue expressar os valores por ele produzidos ou reproduzidos” (MELLO, 2007, p. 32). Se Brasil e Uruguai adotam uma postura similar em relação ao futebol, não pode este ser um tema adequado para falar de integração?

Além disso, se os estudos que envolvem as temáticas comunicação e esporte já são escassos, como relata Fortes (2011). a maioria desses trabalhos tem como foco a cobertura dos principais eventos esportivos mundiais, como a Copa do Mundo de Futebol e as Olimpíadas. Dessa forma, acredita-se que, ao trabalhar com uma competição amadora realizada fora dos grandes centros, este trabalho pode contribuir para o desenvolvimento do campo acadêmico na área.

Em estudo sobre a região de Livramento-Rivera, Müller (2003) aponta que o esporte, especificamente o futebol, é o único assunto que desperta a rivalidade entre brasileiros e uruguaios. Já Raddatz (2009) constata que o esporte é um dos assuntos que costumam ter mais espaço na mídia de fronteira, pois diz respeito diretamente à população fronteiriça.

Considerando, então, a estreita relação entre esporte e identidade, a presença das notícias esportivas na mídia *online* fronteiriça e o fato de que a *internet* é o segundo principal meio de informação sobre esporte (AMARO; SILVA, 2011), acredita-se que essa é uma temática adequada para analisar a integração entre Brasil e Uruguai no conteúdo do *site* A Plateia.



## **4 INTEGRAÇÃO, WEB E FUTEBOL EM A PLATEIA**

Nesse capítulo, iniciar-se-á com a descrição detalhada do método (Hermenêutica de Profundidade) e da técnica (Análise de Conteúdo) utilizados neste trabalho. Posteriormente, passa-se à aplicação da HP, apresentando-se a análise sócio-histórica (contexto em que o objeto de estudo está inserido), a análise formal ou discursiva (divisão das unidades de registro em categorias, conforme a Análise de Conteúdo) e a interpretação/re-interpretação (etapa na qual se faz uma reflexão sobre os resultados encontrados).

### **4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

#### **4.1.1 Hermenêutica de profundidade**

Em sua obra “Ideologia e cultura moderna”, Thompson (2002) faz um breve recorrido pelo desenvolvimento do conceito de cultura. O autor distingue quatro sentidos que o termo adquiriu ao longo da história: o primeiro momento deu-se entre os séculos XVIII e XIX, sob forte influência iluminista, nas discussões entre filósofos e historiadores alemães. Nessas discussões, o termo “cultura” aludia ao processo de desenvolvimento intelectual e espiritual dos povos, o que Thompson (2002) caracteriza como a concepção clássica. A segunda concepção, denominada pelo autor de descritiva, emerge com o surgimento da Antropologia, no século XIX. A cultura adquire um aspecto “cientificado” e é percebida como um todo complexo que compreende conhecimentos, crenças, costumes, artes, direito, moral e todas as capacidades e hábitos adquiridos pelo ser humano, enquanto membro de uma sociedade (definição de E. Tylor). Partindo-se dessa perspectiva, a cultura pode ser dissecada, analisada e comparada, pois existem diversos graus de evolução cultural (progresso) (BOIVIN, ROSATO; ARRIBAS, 2010). Mesmo Malinowski, que buscava uma abordagem mais funcionalista da cultura (entendida como um ambiente artificial criado para satisfazer as necessidades humanas), prosseguiu com o entendimento da cultura como uma totalidade que pode ser cientificamente descrita, comparada e classificada (THOMPSON, 2002; BOIVIN, ROSATO; ARRIBAS, 2010). A terceira concepção descrita por Thompson (2002) é a simbólica, proposta por L.A. White e desenvolvida por Clifford Geertz. Nessa visão, as questões de significado, simbolismo e interpretação são centrais, pois a cultura é uma ordem de fenômenos que exigem uma habilidade mental, a simbolização. O sujeito está envolvido

pelas teias de significados tecidas por ele próprio; e o analista não busca leis, mas significados nas ações e expressões das pessoas.

As Ciências Sociais estão ainda hoje muito atravessadas por influências positivistas, acreditando que fenômenos sociais e formas simbólicas podem ser medidas pelos métodos quantitativos, como se fossem objetos naturais. Segundo Bauer, Gaskell e Allum (2008), a tradição da pesquisa quantitativa fez com que muitas investigações fossem interrompidas na fase de coleta de dados, sem que fosse feita uma análise interpretativa. Os autores reiteram a necessidade de se pensar o processo de pesquisa social de maneira holística, defendendo que a polêmica da análise quantitativa *versus* análise qualitativa deve ser superada, considerando que uma modalidade depende da outra: não há análise estatística sem interpretação e vice-versa.

No mesmo sentido, Thompson (2002) defende que a análise formal, estatística e objetiva pode ser aplicada nas Ciências Sociais, mas deve ser considerada como um enfoque parcial. As formas simbólicas “inevitavelmente apresentam problemas qualitativamente distintos de compreensão e interpretação” (THOMPSON, 2002, p. 358). Assim, a compreensão e a interpretação não excluem uma análise objetiva, mas a complementam.

Partindo da abordagem simbólica de Geertz, Thompson (2002) propõe uma concepção estrutural de cultura, a qual considera dois aspectos: o caráter simbólico dos fenômenos culturais e o fato de esses fenômenos estarem inseridos em determinados contextos sociais estruturados. Dessa forma, os fenômenos culturais não devem ser entendidos apenas em relação às suas características internas, mas também dentro de seus contextos.

Estas formas simbólicas estão também inseridas em contextos e processos sócio-históricos específicos, dentro do quais, e por meio dos quais, são produzidas, transmitidas e recebidas. Estes contextos e processos estão estruturados de várias maneiras. Podem estar caracterizados, por exemplo, por relações assimétricas de poder, por acesso diferenciado a recursos e oportunidades e por mecanismos institucionalizados de produção, transmissão e recepção de formas simbólicas. (THOMPSON, 2002, p. 181)

É necessário, então, compreender esses contextos e processos sociais corretamente, pois Thompson (2002) enfatiza a importância do processo de interpretação para se pensar o objeto de análise, dado que este é uma construção simbólica, inserida em um determinado contexto social e histórico. As formas simbólicas também têm características estruturais internas, que devem ser levadas em conta nas investigações sociais.

Segundo o autor, as características estruturais internas das formas simbólicas podem ser classificadas da seguinte forma: os aspectos intencionais, convencionais, estruturais, referenciais e contextuais.

O aspecto intencional significa que há um objetivo (uma intenção) dos sujeitos em produzir, construir e empregar determinadas formas simbólicas. Entretanto, alerta Thompson (2002), a intenção não pode ser o único elemento de análise das formas simbólicas, pois nem sempre o objeto produzido por um sujeito é o que esse sujeito desejava produzir.

A segunda característica das formas simbólicas é o seu aspecto convencional, o qual quer dizer que essas formas são produzidas, construídas e empregadas considerando determinados códigos ou convenções. Tais normas abrangem desde regras de gramática a convenções sociais. Nesse ponto, Thompson (2002) faz outra ressalva: as regras, códigos e convenções utilizados na produção, construção e emprego das formas simbólicas (códigos de codificação) nem sempre são iguais às normas usadas na interpretação dessas formas (códigos de decodificação). Ou seja, os dois conjuntos de regras não precisam, necessariamente, coincidir.

O aspecto estrutural é a terceira característica das formas simbólicas, referente ao fato de que essas formas são construções que apresentam uma estrutura articulada, isto é, “consistem, tipicamente, de elementos que se colocam em determinadas relações uns com os outros” (THOMPSON, 2002, p. 187). Os elementos e suas relações formam uma estrutura que pode ser analisada formalmente.

O quarto aspecto das formas simbólicas destacado por Thompson (2002) é o referencial, que significa que essas formas representam algo, referem-se a algo. Nesse ponto, o autor chama a atenção para o fato de que as formas simbólicas dizem algo sobre um objeto, sujeito ou situação também pela maneira de representá-los.

Por fim, a quinta característica das formas simbólicas é o seu aspecto contextual, segundo o qual tais formas estão sempre inseridas em determinados contextos sócio-históricos.

O que essas formas simbólicas são, a maneira como são construídas, circulam e são recebidas no mundo social, bem como o sentido e o valor que elas têm para aqueles que as recebem, tudo depende, em certa medida, dos contextos e instituições que as geram, medeiam e mantêm. (THOMPSON, 2002, p. 192)

Thompson (2002) também lembra que os objetos de estudo são, em si, territórios pré-determinados, construídos diariamente por sujeitos que fazem o trabalho de compreensão o tempo todo. Ou seja, muitas vezes, trabalha-se com interpretações de objetos, o que gera re-

interpretações (interpretações de interpretações). Então, se os fenômenos culturais são formas simbólicas em contextos estruturados, a análise cultural pode ser vista como o processo de contextualizar as formas simbólicas e reconstituir seus significados.

Partindo desse conceito estrutural de cultura, e levando em consideração a importância do contexto sócio-histórico para a análise cultural, Thompson estabelece a necessidade de se elaborar um método que privilegie, simultaneamente, essas características internas das formas simbólicas, citadas acima, e o contexto em que os objetos estão inseridos. Para tanto, o autor propõe o método da Hermenêutica de Profundidade, com o objetivo de evitar tanto o reducionismo (em que o texto é visto como produzido exclusivamente em função do contexto) quanto o internalismo (em que o texto é independente da conjuntura) (VERONESE; GUARESCHI, 2006).

Para conseguir apreender tantos aspectos, o autor propõe um método composto por três fases: a análise sócio-histórica, a análise formal ou discursiva e a interpretação/re-interpretação. Essas fases não precisam necessariamente ser realizadas em ordem cronológica; são mais dimensões de análise distintas e complementares, que podem ser adaptadas de acordo com os objetivos e possibilidades da pesquisa (VERONESE; GUARESCHI, 2006).

Pode-se definir a análise sócio-histórica como a contextualização social das formas simbólicas, ou seja, a reconstituição das condições sociais de produção, circulação e recepção das formas simbólicas e do contexto histórico e social em que essas formas estão inseridas. Essa etapa deve considerar aspectos como a situação espaço-temporal em que as formas simbólicas são produzidas e recebidas, a estrutura social e as instituições sociais. (THOMPSON, 2002; VERONESE; GUARESCHI, 2006)

A segunda etapa, denominada de análise formal ou discursiva, investiga a organização interna das formas simbólicas, suas características estruturais, padrões e relações. “Os métodos da análise discursiva (...) quebram, dividem, desconstroem, procuram desvelar os padrões e efeitos que constituem e que operam dentro de uma forma simbólica ou discursiva” (THOMPSON, 2002, p. 375). Nessa fase, é inserida outra técnica, a qual, no caso deste trabalho, será a análise de conteúdo, explicada mais adiante. Veronese e Guareschi (2006) avaliam que essa abertura na etapa da análise formal é um dos aspectos que tornam a HP um método abrangente e adequado para diversos tipos de investigação.

A terceira e última etapa é denominada de interpretação e trabalha por meio da síntese das informações encontradas na fase anterior. O investigador deve explicar o que está sendo dito ou representado nos objetos pesquisados. “As formas simbólicas representam algo, elas dizem alguma coisa sobre algo, e é esse caráter transcendente que deve ser compreendido

pelo processo de interpretação” (THOMPSON, 2002, p. 376). Esse processo é, simultaneamente, uma re-interpretação, pois está se interpretando novamente um campo pré-interpretado pelos sujeitos que formam o mundo sócio-histórico.

O autor distingue três aspectos que devem ser considerados na análise de meios de comunicação: (a) a produção e a transmissão das formas simbólicas; (b) a construção das mensagens; (c) a recepção e a apropriação das mensagens. Neste trabalho, será dada mais ênfase ao segundo aspecto, o da construção das mensagens, pois o objetivo é entender como as notícias do *site* A Plateia abordam a integração e a fronteira.

Veronese e Guareschi (2006, p. 4) afirmam que o potencial inovador da HP reside no fato de que o método não procura desvelar sentidos, mas, sim, propô-los e discuti-los. “Trata-se de construir uma análise plausível, dentro de um paradigma compreensivo; não de acessar e revelar a verdade, mas de fazer uma leitura qualificada da realidade tal qual ela se apresenta” (grifo dos autores).

#### 4.1.2 Análise de conteúdo

Complementando a Hermenêutica de Profundidade, será utilizada a análise de conteúdo de Bardin (2010), que a define como

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 2010, p. 44)

A análise de conteúdo possui larga tradição na análise de meios de comunicação, sendo utilizada para esse fim desde o final do século XIX e começo do século XX (BARDIN, 2010; FONSECA JÚNIOR, 2009). Isso se deve, talvez, ao fato de que a AC seja útil na redução da complexidade de coleções de textos, pois “a classificação sistemática e a contagem de unidades do texto destilam uma grande quantidade de material em uma descrição curta de algumas de suas características” (BAUER, 2008, p. 191). Além disso, é uma técnica híbrida, pois integra o formalismo estatístico e a análise qualitativa (BAUER, 2008). Fonseca Júnior (2009, p. 280) considera que a análise de conteúdo “tem demonstrado grande capacidade de adaptação aos desafios emergentes da comunicação e de outros campos do conhecimento”. Por essas razões, considera-se a técnica adequada para o objetivo proposto neste trabalho.

A inferência é considerada a função ou o objetivo da análise de conteúdo, e sua introdução nessa técnica foi importante para amenizar a influência positivista (FONSECA JÚNIOR, 2009). Bardin (2010) explica a importância da inferência:

(...) o analista tira partido do tratamento das mensagens que manipula para inferir (deduzir de maneira lógica) conhecimentos sobre o emissor da mensagem ou sobre o seu meio, por exemplo. Tal como um detective, o analista trabalha com índices cuidadosamente postos em evidência por procedimentos mais ou menos complexos. Se a descrição (a enumeração das características do texto, resumida após tratamento) é a primeira etapa necessária e se a interpretação (a significação concedida a estas características) é a última fase, a inferência é o procedimento intermédio, que vem permitir a passagem, explícita e controlada, de uma à outra. (BARDIN, 2010, p. 41)

Reconstruindo as representações que um texto traz, o analista de conteúdo pode inferir a expressão dos contextos e quais os apelos desses contextos (BAUER, 2008). As inferências, assim, são centrais no método da análise de conteúdo e podem responder a dois tipos de problemas: o que levou a determinado enunciado (ou seja, as causas da mensagem)? E quais as consequências que esse enunciado vai provocar (ou seja, os efeitos)?

A análise de conteúdo seria uma “leitura dupla”: por um lado, o investigador tem que compreender o sentido da comunicação (como se fosse o receptor normal); por outro, deve atentar para outra significação, que está em segundo plano e deve ser realçada (BARDIN, 2010).

Bardin (2010) divide a análise de conteúdo em três etapas:

A primeira etapa é a pré-análise, que corresponde à fase de organização da pesquisa. Nessa fase, o pesquisador possui três missões: escolher os documentos que serão analisados, formular as hipóteses e os objetivos e elaborar os indicadores que fundamentarão a análise. Porém, não há uma ordem obrigatória que deve ser seguida na realização desses procedimentos.

A primeira atividade dentro da pré-análise é a realização de uma “leitura flutuante”, ou seja, um primeiro contato do pesquisador com os documentos, para que este possa ter algumas impressões. Aos poucos, essa leitura torna-se mais precisa, servindo de orientação para as fases seguintes.

Durante essa primeira etapa, também devem ser formulados os objetivos e as hipóteses da investigação. Objetivos são “a finalidade geral a que nos propomos (ou que é fornecida por uma instância exterior), o quadro teórico e/ou pragmático, no qual os resultados obtidos serão utilizados” (BARDIN, 2010, p. 124), enquanto a hipótese é uma “afirmação provisória que nos propomos verificar (confirmar ou infirmar)” (BARDIN, 2010, p. 124). As

hipóteses não são obrigatórias e, quando utilizadas, nem sempre são estabelecidas durante a pré-análise.

Outro procedimento que tem lugar durante a pré-análise é a constituição do *corpus*, isto é, a definição de quais documentos serão analisados. Exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência são os princípios que devem nortear a construção da amostra (BARDIN, 2010). Fatores como os recursos humanos, econômicos e materiais também devem ser levados em conta. Além disso, o investigador deve considerar que a constituição do *corpus* influenciará diretamente na ênfase que será dada à pesquisa: uma amostra extensa requererá a adoção de procedimentos quantitativos, enquanto um *corpus* mais limitado possibilitará o aprofundamento de conteúdo por meio da análise qualitativa (FONSECA JÚNIOR, 2009).

A pré-análise também inclui a referenciação dos índices, que, por sua vez, darão a base para a elaboração dos indicadores, os quais fundamentarão a pesquisa e sugerirão as regras para a categorização. Se, por exemplo, o índice for a menção explícita de um tema numa mensagem, e partir-se do pressuposto que, quanto mais importante o tema for para o locutor, mais aparecerá no texto, o indicador pode ser a frequência deste tema, de maneira absoluta ou relativa, em relação a outros. É recomendado também testar a eficácia e a permanência dos indicadores, utilizando excertos do material analisado (BARDIN, 2010).

A segunda etapa é a da exploração do material, que basicamente consiste nas operações de codificação, decomposição ou enumeração de tudo que foi formulado na pré-análise. “A codificação é o processo de transformação dos dados brutos de forma sistemática, segundo regras de enumeração, agregação ou classificação” (FONSECA JÚNIOR, 2009, p. 294), ou seja, é a classificação dos materiais que compõem o *corpus* a partir do referencial teórico escolhido pelo pesquisador. A codificação pode ser considerada o elo entre o material analisado e o referencial teórico (FONSECA JÚNIOR, 2009), pois “a AC interpreta o texto apenas à luz do referencial de codificação, que constitui uma seleção teórica que incorpora o objetivo da pesquisa” (BAUER, 2008, p. 199).

A codificação é composta por três fases: a escolha das unidades de registro e de contexto (elementos do texto a ter em conta), a escolha das regras de enumeração (o modo de contagem) e a escolha das categorias.

As unidades de registro são partes de uma unidade de amostragem; por exemplo, se a unidade de amostragem for a edição de um jornal, as unidades de registro podem ser as notícias, publicadas nessa edição, que são de interesse à pesquisa (FONSECA JÚNIOR, 2009). Isto é, a unidade de registro é a “unidade de significação a codificar” (BARDIN, 2010, p. 130). Para isso, pode ser feito um recorte a nível semântico (o tema, por exemplo) ou a

nível linguístico (como frase ou palavra), e as unidades de registro mais comuns são a palavra, o tema, o objeto/referente, o personagem, o acontecimento e o documento (BARDIN, 2010).

As unidades de contexto, como o próprio nome explicita, auxiliam na compreensão das unidades de registro, pois fazem referência ao seu contexto. Suas dimensões são superiores às unidades de registro: por exemplo, a unidade de contexto da palavra é a frase, e do parágrafo, o tema (BARDIN, 2010).

Já as regras de enumeração consistem na forma de quantificação das unidades de registro que estabelecerão os índices, isto é, o modo de contagem (FONSECA JÚNIOR, 2009).

Qualquer escolha de uma regra (ou de várias regras) de enumeração assenta numa hipótese de correspondência entre a presença, a frequência, a intensidade, a distribuição, a associação da manifestação da linguagem e a presença, a frequência, a intensidade, a distribuição, a associação de variáveis inferidas, não linguísticas (BARDIN, 2010, p. 139)

Assim, as regras de enumeração dirão o que o pesquisador buscará nas unidades de registro. Por exemplo, a regra de enumeração pode ser a presença ou a ausência de determinado elemento (ambas podem veicular um sentido), ou a frequência (partindo do pressuposto que, quanto mais importante uma unidade de registro, mais frequente será sua aparição). Neste trabalho, presença/ausência e frequência serão as regras de enumeração.

A categorização é, basicamente, o trabalho de classificar e reagrupar as unidades de registro em categorias. A função da categorização é simplificar uma grande quantidade de dados, tornando inteligível uma massa de dados diversos (FONSECA JÚNIOR, 2009). Para construir as categorias, o pesquisador parte da codificação, que requer a construção de um referencial de codificação: um conjunto de questões (códigos) com o qual o investigador tratará dos materiais e conseguirá respostas dentro de um conjunto predefinido de alternativas (valores de codificação). Isto é, um código “formato de notícias” pode originar as categorias “últimas notícias”, “reportagens”, “entrevistas”, “comentários” etc. (BAUER, 2008). “Cada unidade de texto deve se ajustar a um código, e nenhuma pode ser excluída. Acrescentando o valor ‘outro’, ou ‘não se aplica’, garante-se que todas as unidades terão seu lugar” (BAUER, 2008, p. 201). Para classificar as unidades de registro em categorias, deve-se pensar no que essas unidades têm em comum (BARDIN, 2010). Uma boa categorização deve possuir como características: a exclusão mútua, a homogeneidade, a pertinência à investigação, a objetividade/fidelidade e a produtividade (FONSECA JÚNIOR, 2009). A categorização é muito frequente na análise de conteúdo, apesar de não ser obrigatória (BARDIN, 2010).



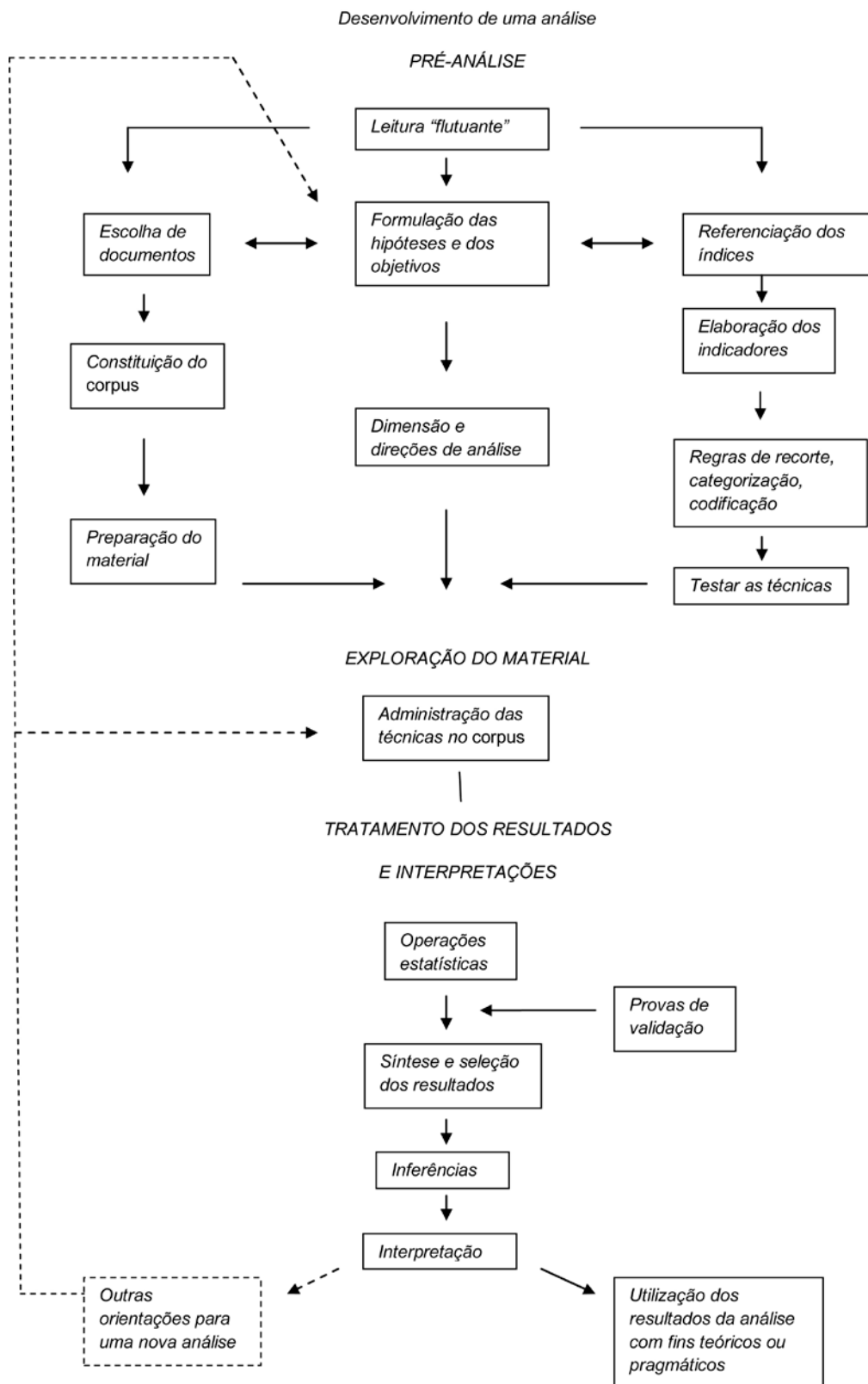
Primeiro, realiza-se o inventário (o isolamento de elementos) e, após, a classificação (a repartição e organização das mensagens). O analista pode usar o procedimento por caixas, onde primeiro se elabora o sistema de categorias e depois se repartem os elementos à medida que estes vão sendo encontrados, ou o procedimento por acervo, quando a ordem dos processos é invertida: primeiro se classificam progressiva e analogicamente os elementos, depois vão sendo criadas (e refinadas) as categorias. “Geralmente as categorias terminais provêm do reagrupamento progressivo de categorias com uma generalidade mais fraca” (BARDIN, 2010, p. 147).

Por fim, a terceira e última etapa da análise de conteúdo é o tratamento dos resultados obtidos e interpretação, onde o pesquisador monta quadros, tabelas, diagramas etc., para organizar o material obtido. Essa operação é necessária para “fazer os dados falarem” e colocar em relevo as informações mais significativas fornecidas pela análise (BARDIN, 2010).

Após essas operações estatísticas, o pesquisador deve sintetizar e selecionar os resultados e partir para a operação de inferência. A inferência é o que permite a passagem da etapa de descrição à etapa de interpretação, ou seja, é o procedimento realizado a partir dos indicadores para interpretar a significação do texto analisado. É o momento mais fértil da análise de conteúdo, pois se foca nos aspectos implícitos da mensagem (FONSECA JÚNIOR, 2009). Busca-se entender as condições de produção, isto é, as “variáveis psicológicas do indivíduo emissor, variáveis sociológicas e culturais, variáveis relativas à situação de comunicação ou do contexto de produção da mensagem” (BARDIN, 2010, p. 42). Por fim, parte-se para a interpretação dos resultados, a última atividade da análise de conteúdo.

Para tornar mais claros todos os procedimentos que devem fazer parte da análise de conteúdo, apresenta-se o quadro abaixo:

**Figura 2 - Análise de conteúdo**



Fonte: Bardin (2010)

Existem diversas técnicas utilizadas dentro da análise de conteúdo: análise categorial, de avaliação, de anunciação, da expressão, de contingência, do recurso, estrutural e do discurso (FONSECA JÚNIOR, 2009). Neste trabalho, será utilizada a análise categorial.

#### 4.2 PRIMEIRA ETAPA DA HP: ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA

Santana do Livramento é uma cidade localizada no sudoeste do estado brasileiro do Rio Grande do Sul, distante a 495 km da capital gaúcha, Porto Alegre. Rivera é um município uruguaio, principal cidade do departamento de mesmo nome, que fica 540km a nordeste de Montevidéu, capital do país (RADDATZ, 2009).

Santana do Livramento foi fundada antes, em 1823, tornando-se município em 1857, enquanto Rivera surgiu em 1862, sendo elevada à categoria de município em 1867. As duas cidades foram fundadas pelos estados nacionais com o objetivo de organizar o território, estabelecendo os limites entre Brasil e Uruguai e reforçando a atuação das autoridades na fronteira (RADDATZ, 2009; DORFMAN, 2008).

Dentre os quase 1000 km de fronteira entre Brasil e Uruguai, 60% é delineado por linhas imaginárias, isto é, sem marcos físicos. A faixa de fronteira entre os dois países concentra cinco centros urbanos: Artigas (UY) – Quaraí (BR); Rivera (UY) – Santana do Livramento (BR); Aceguá (UY) – Aceguá (BR); Rio Branco (UY) – Jaguarão (BR); Chuy (UY) – Chuí (BR) (SÁNCHEZ, 2002).

Destes centros, Livramento-Rivera é um dos mais importantes e um dos maiores no quesito concentração populacional, com população total aproximada de 146.000 pessoas. Atualmente, segundo os últimos dados oficiais, a população de Rivera chega a 64.485 pessoas<sup>24</sup>; já Santana do Livramento possui 82.464 habitantes<sup>25</sup>. Em termos de composição populacional, as duas cidades apresentam predominância de população feminina e jovem. Em relação aos processos migratórios, os resultados do censo brasileiro de 2010 mostram que, na contramão da tendência gaúcha e brasileira de crescimento populacional, Santana do Livramento registrou a perda de mais de oito mil habitantes entre 2000 e 2010. Já no Uruguai, a tendência é de baixo crescimento populacional (estimado em 0,19% pelo Instituto Nacional de Estadística), a qual é seguida também por Rivera (em 2004, a população da cidade era de

---

<sup>24</sup> Informação obtida junto ao censo realizado pelo Instituto Nacional de Estadística uruguaio em 2011. Disponível em: <http://www.ine.gub.uy/censos2011/resultadosfinales/rivera.html>. Acesso em: 28 set. 2013.

<sup>25</sup> Informação obtida pelo censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 2010. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=431710>. Acesso em: 28 set. 2013.

64.426 pessoas; em 2011, de 64.485, ou seja, o crescimento da cidade nesse período foi praticamente nulo).<sup>26</sup>

Em termos de desenvolvimento social, as realidades das duas cidades são similares, considerando os Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) de cada uma. O IDH é um indicador elaborado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento com o objetivo de ser “uma medida resumida do progresso a longo prazo em três dimensões básicas do desenvolvimento humano: renda, educação e saúde” e de oferecer um contraponto aos índices puramente econômicos, como o Produto Interno Bruto<sup>27</sup>. Com IDH de 0,803, Livramento está situada acima da média brasileira (0,730)<sup>28</sup>, mas abaixo da média gaúcha (0,814). Já Rivera, com IDH de 0,799, possui um dos índices mais baixos do Uruguai.<sup>29</sup>

As características da atividade econômica são similares nos dois lados da fronteira. A região é importante na economia do Rio Grande do Sul e do Uruguai, principalmente no setor primário, por ser produtora de arroz e soja e ter grande rebanho, especialmente bovino e ovino. O setor primário é uma das bases das economias gaúcha e uruguaia e a região de Livramento-Rivera tem papel fundamental neste processo (CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY, 2013; INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2013; RADDATZ, 2009; SÁNCHEZ, 2002). O turismo é outro segmento importante da economia local, juntamente com o comércio (RADDATZ, 2009). Nesse ponto, destaca-se o exemplo dos *freeshops*, lojas que vendem produtos com isenção ou redução de impostos (e, conseqüentemente, a preços bastante competitivos). Os *freeshops*, concentrados na avenida central de Rivera, atraem muitos turistas brasileiros, o que movimentava a economia dos dois lados da fronteira.

Como se pode ver, a interdependência econômica entre os dois municípios é forte. Dos anos 1970 em diante, a relação comercial entre Rivera e Livramento tem sido favorável à cidade brasileira, porque, em função dos preços mais baixos, os riverenses preferem fazer compras no lado brasileiro. Dessa forma, Livramento depende das compras feitas pelos uruguaiois, enquanto Rivera tem sofrido um processo de progressivo empobrecimento (SÁNCHEZ, 2002).

---

<sup>26</sup> Idem aos comentários 23 e 24.

<sup>27</sup> PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Desenvolvimento humano e IDH**. 2013. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/IDH/DH.aspx>>. Acesso em: 15 out. 2013.

<sup>28</sup> FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE MUNICÍPIOS DO RIO GRANDE DO SUL. **IDH Índice de Desenvolvimento Humano – Rio Grande do Sul**. 2013. Disponível em: <[http://www.portalmunicipal.org.br/entidades/famurs/idh/uf\\_idh.asp?iIdEnt=5523](http://www.portalmunicipal.org.br/entidades/famurs/idh/uf_idh.asp?iIdEnt=5523)>. Acesso em: 15 out. 2013.

<sup>29</sup> ART URUGUAY. **Diagnóstico económico del Departamento de Rivera**. 2008. Disponível em: <<http://www.agenciadesarrollorivera.com.uy/docs/rivera-diagnostico.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2013.

Mesmo que muitos trabalhadores riverenses sejam absorvidos pelas empresas de Livramento, o mercado laboral na fronteira é marcado pelo baixo nível de renda e pela informalidade. O fluxo de mercadorias é intenso na região e gera um comércio formal e informal difícil de quantificar, porque há muitas pessoas atuando simultaneamente na formalidade e na informalidade. O chamado “contrabando formiga”, que movimentava pequenas quantidades de mercadorias por vez, é o que ocupa maior número de pessoas, embora o “grande contrabando” também não possa ser desconsiderado (SÁNCHEZ, 2002).

Livramento e Rivera são separadas apenas por uma avenida, caracterizando o que Müller *et al.* (2011) denominam de cidades conurbadas, isto é, integradas fisicamente. Assim, não há obstáculos institucionais (estruturas estatais, como alfândegas) ou físicos (como um rio ou uma ponte) fazendo a delimitação entre uma e outra. O trânsito de bens e pessoas é livre e pode-se cruzar a fronteira simplesmente atravessando a avenida delimitadora. Sánchez (2002, p. 18) considera esse aspecto central dentro de qualquer investigação sobre a região, pois se trata de “uma fronteira política internacional convertida física e esteticamente em uma avenida, que se cruza como se fosse uma avenida ou uma rua, mas que não é”.

A região é chamada com orgulho pelos seus habitantes de “Fronteira da Paz”, termo que explicita as relações cordiais entre os vizinhos. Müller (2003) relata que há um bom relacionamento entre uruguaios e brasileiros, sendo que as diferenças são destacadas com respeito e o conflito normalmente é amenizado pela população local, que prefere manter a proximidade. A distinção do que é local ou internacional é confusa: uma ligação telefônica entre as duas cidades é considerada (e cobrada pelas companhias telefônicas como) local; o sistema de correspondências, internacional (MÜLLER, 2003). Nos comércios, nas lojas e nos restaurantes de ambos os lados, pode-se pagar com moeda uruguaia (*peso*) ou brasileira (real), assim como nos ônibus urbanos; já na rodoviária de Rivera, por exemplo, só se aceitam *pesos* (SÁNCHEZ, 2002).

Em termos culturais, alguns eventos realizados anualmente integram as cidades vizinhas, como o Carnaval Internacional, o Festival Internacional de Pandorgas e o desfile gaúcho do dia 20 de setembro, comemorativo à Semana Farroupilha (RADDATZ, 2009). Conforme os habitantes da região, “na Semana Farroupilha – data marcante para o gaúcho e a região pampeana e fronteiriça em especial – o que prevalece é o ‘ser gaúcho’, onde se reforçam as tradições e a lembrança da Província Cisplatina” (MÜLLER, 2003, sem página). Também há algumas iniciativas de entrosamento dos artistas, poetas e escritores locais, como a Academia Internacional de Letras (MÜLLER, 2003), e eventos esportivos binacionais.

As manifestações culturais, de modo geral, são propícias para ressaltar os movimentos realizados pelos fronteiriços no sentido de estimular a integração, respeitar a diversidade cultural e valorizar o que o outro tem para contribuir na construção do espaço local. (MÜLLER *et al.*, 2012a, p. 9)

Um aspecto interessante para pensar a região da “Fronteira da Paz” é a linguagem. Nesse sentido, Müller (2003) conta que os habitantes da região utilizam palavras como “solidariedade”, “harmonia”, “irmandade”, “entrosamento”, “união,” “amizade” e “apoio” para descrever as relações entre os fronteiriços. Já Sánchez (2002, p. 77) explica que as cidades definem-se como “‘estrangeiras’, ‘vizinhas’ ou ‘irmãs’, segundo as circunstâncias e, sobretudo, os propósitos ou interesses diversos”. A autora também defende a importância da linguagem enquanto fenômeno social, que permite compreender muito sobre as relações entre riverenses e santanenses.

O espanhol é prestigioso no sentido de *status*; o português recebe mais prestígio comunitário, estando mais relacionado à identidade. Já o “portunhol”, dialeto característico da região, o qual mistura português e espanhol, tem uma imagem contraditória entre os fronteiriços: por um lado, é desprestigiado e caracterizado como uma linguagem utilizada pelas classes sociais mais baixas; por outro, é visto como afetivo, íntimo, necessário e que merece o reconhecimento (SÁNCHEZ, 2002).

Essa diferenciação entre idiomas também é encontrada por Weber (2011). Em estudo sobre a mídia impressa em regiões de fronteira, a autora explica que, nas fronteiras lusoplatinas, o espanhol e o português são línguas próximas, isto é, convivem entre si cotidianamente e invadem o espaço de enunciação (espaços de atuação dos idiomas) uma da outra. Weber (2011) observa que o português e o espanhol, de um modo geral, convivem nessas publicações, mesmo que o português obtenha, quantitativamente, um espaço maior. Alguns dos jornais impressos analisados pela autora publicam notícias em espanhol, mas estas não estão mescladas às demais, e sim conformam uma seção separada (A Plateia, por exemplo, possui uma seção chamada *A Plateia en español*, mantida na versão *web*). “Cada língua está claramente separada da outra, cada uma ocupando os espaços que lhe cabem no papel e, por extensão, a nosso ver, na sociedade” (WEBER, 2011, p. 225). Se, por um lado, a inclusão de notícias em espanhol por parte de jornais brasileiros é um reconhecimento da presença e da legitimidade do idioma naquele espaço fronteiriço, por outro a criação de espaços específicos para essas matérias distingue os interlocutores de acordo com a língua. Nos veículos analisados pela autora, os idiomas estão localizados de maneira desigual, pois a “língua portuguesa ocupa, assim, a partir dos jornais brasileiros, posição central e ampla na

disposição das línguas, concedendo ao espanhol espaços mais limitados e bem demarcados” (WEBER, 2011, p. 228).

Em seu trabalho de campo na região, Sánchez (2002, p. 133-134) também percebe uma diferenciação constante entre os moradores das duas cidades:

Rivera e Santana são cidades que se percebem diferentes, que têm características próprias e são diferenciadas com os termos ‘nós temos’, ‘eles têm’. Além disso, a estas cidades se ‘entra’ e se ‘sai’; ‘vamos entrar para Uruguai’ é uma expressão comum, aliás, reveladora porque apesar de não existir obstáculos físicos ou institucionais para transitar de uma cidade à outra, evidentemente, para sua população, existe uma linha que se atravessa para entrar num lugar diferente.

Como já foi mencionado anteriormente, o esporte, principalmente o futebol, é um dos aspectos que colocam essa diferenciação em evidência. Como relata Sánchez (2002), quando acontecem jogos de futebol entre as seleções uruguaia e brasileira, a fronteira é fechada pelas polícias. O futebol não é apenas um esporte, é uma “máquina de socialização, um complexo de comunicação de valores essenciais” (SÁNCHEZ, 2002, p. 178). É um meio significativo para exprimir mensagens sobre o que se é e não se é, e na Fronteira isto não é diferente. Os jogos de futebol desempenham funções rituais e expressam de forma simbólica os conflitos potenciais (SÁNCHEZ, 2002).

Nesta pesquisa o objeto de estudo será o *site* A Plateia. O *site* é a versão *online* do jornal impresso de mesmo nome, o qual circula diariamente na região desde 1938. A Plateia ingressou na *internet* em 2003, e o atual *site* está no ar desde 2011 (MÜLLER *et al.*, 2012b). Atualmente, a empresa (JK Empresa Jornalística) é controlada por uma família de origem palestina, os quais são os quartos proprietários do grupo desde a sua criação. Atuam de forma mais direta no dia a dia do jornal, o pai e o filho primogênito, ambos advogados de formação. Os dois cumprem o papel de diretores, redatores-chefe e editores, definindo as pautas e acompanhando todo o processo de produção do jornal. Além de A Plateia, que circula na versão impressa de terça a sexta-feira e domingo, o empreendimento edita outro jornal, o Jornal da Semana, publicado aos sábados (MÜLLER, 2003). A redação é composta por mais de 100 pessoas (A PLATEIA, 2013a), majoritariamente jovens com escolaridade de nível médio, sem formação específica na área jornalística (MÜLLER, 2003).

O próprio texto disponibilizado na seção Institucional do *site* A Plateia reflete a importância do tema fronteira para o veículo, que afirma lidar “com dois povos, de dois países e duas cidades que na verdade são uma só” (A PLATEIA, 2013b), A Plateia refere-se a Santana do Livramento e Rivera como “cidades gêmeas”, partes da “Fronteira mais irmã do

mundo” (A PLATEIA, 2013b). O jornal veicula o encarte impresso *A Plateia En Español*, com circulação diária e contendo oito páginas, e foi criada uma editoria com o mesmo nome no *site*. Com isso, A Plateia autodenomina-se o “único diário bilíngue do Brasil” (A PLATEIA, 2013b).

O *site* tem um *layout* bastante simples. Durante a primeira quinzena de outubro de 2013, a página inicial foi tomada por um anúncio de grandes proporções de um *show* musical que aconteceria na cidade, o que tornava a usabilidade do *site* bastante prejudicada.

Figura 3 - Parte superior da capa do site, em 16/10/2013



Fonte: A Plateia

Como é possível observar na Figura 3, na parte superior do *site* há o cabeçalho, um *player* que passa a tocar automaticamente a rádio RCC FM (parceira d’A Plateia e integrante do mesmo grupo empresarial) e o *menu* principal com as opções Página Inicial, Categorias, Colunistas, Edições Anteriores, Institucional e Contato.

Utilizando a barra de rolagem, pode-se chegar às notícias dispostas na página inicial do *site*. Há uma seção “Destaque”, seis notícias que se alternam entre si (algumas em espanhol, outras em português). Abaixo, estão as notícias principais das editorias de Geral, Esporte, Política, Polícia, Social, *A Plateia en Español*, Rural e Cidade, em quadros que podem ser minimizados. No canto direito, há um espaço para que o usuário faça o cadastro no *site* (o que permite ter acesso ao conteúdo integral e fazer comentários nas matérias), uma imagem da capa do jornal impresso do dia, o *hiperlink* para o acesso ao conteúdo do jornal, *hiperlink* para previsão do tempo, um campo para que usuários cadastrados façam o *login*, um



vídeo, a “Imagem do dia”, um *hiperlink* para a *fanpage* em uma rede social, *hiperlinks* para os cadernos, charge, seção de busca de notícias por dia e nuvem de *tags*.

Figura 4 - Capa do site, em 17/10/2013

**FM 95.3 A PLATEIA** Transmita você também! Clique Meteorologia Detalhada

**Destaque**  
Fortes emoções no Citadino

O Campeonato Citadino de Futsal, promovido pela Arena Sports e Fundação Arena, está pegando fogo, pois esta semana é decisiva para as equipes que brigam por vagas para a fase do mata-mata, que inicia já na próxima segunda-feira, 21 de...

**Geral**

**Associação cultural disponibiliza livro de forma gratuita**  
Livro fala sobre a vida extraterrestre e um planeta que se aproxima da Terra A...  
+ Veja Mais 0 Comentários

**Visita à Estação Cultura marca o primeiro dia da Semana Interamericana das águas**  
Os alunos das escolas General Neto e Júlio de Castilhos realizaram, na manhã de ontem,...

**Esporte**

**Barcos desencana e Grêmio vence o Corinthians**  
O Grêmio acordou de um primeiro tempo pouco efetivo, para vencer o Corinthians de forma...  
+ Veja Mais 0 Comentários

**Em jogo fraco, Inter e Santos ficam no 0 a 0**  
Inter e Santos empataram em 0 a 0, na noite de ontem, na Vila Belmiro,...

**Mais notícias**

14 de Julho vence e fica a uma vitória da vaga  
É tudo ou nada para o 14 de Julho  
Tem início o Cinquentão AABB – Troféu Claudio Almeida

**Polícia**

**BM captura foragido da justiça na vila Marim II**  
Prisão ocorreu na rua Carlos Cordeiro, durante patrulhamento O Pelotão de Operações Especiais-POE, da Brigada...  
+ Veja Mais 0 Comentários

**Acidente na Avenida Francisco Reverbel de Araújo Góes deixa motoqueiro ferido**  
Veículo tentou desviar e foi parar dentro do terreno de uma residência, após quebrar muro...  
+ Veja Mais 0 Comentários

**Mais notícias**

Ônibus escolar pega fogo na BR-158  
Receita Federal apreende armas e munições  
BM apreende tropa de animais com marca adulterada

**Crie seu Cadastro**  
Cadastre-se já para ter acesso ao conteúdo exclusivo.  
Cadastrar-se

**Capa de Hoje**

**Leia Online!**

Quinta-feira 17/10/13  
Jornal A Plateia  
Desenvolvido por Calaméo

**Detalhamento Climático**  
Meteorologia Detalhada

**Acessar**

Nome de Usuário:  
Senha:  
 Lembre de mim  
Entrar

Fonte: A Plateia

Figura 5 - Capa do site, em 17/10/2013

**FM 95.3 A PLATEIA** Sua rádio com qualidade

**Social**

**Felicidades!**  
O colorado João Pedro Dutra Pereira completou 9 anos de idade, no dia 16 de...

**Comemorando**  
O senhor Nilton Luiz de Freiras está aniversariando nesta quinta-feira, 17 de outubro, e com...

**Mais notícias**  
Homenagem  
Parabéns  
CTG Rincão da Carolina no Enart 2013

**Rural**

**Bela Vista vende R\$ 823 mil**  
Remate do tradicional criatório de Celina Maciel, realizado na Rural de Livramento, teve médias para...

**Comissão de produtoras arrecada mais de meia tonelada de alimentos**  
Ontem, foi realizada a contagem, separação e entrega dos alimentos que foram solicitados como ingresso...

**Mais notícias**  
Reculuta e São Bento na pista da Rural hoje, às 19h  
Copa HB Sub-15 divulga resultados na Expofeira  
Sossego e Cambápytá, remate de pista limpa

**A Plateia en Español**

**Buscan profesionalizar a policias en casos de violencia doméstica**  
Un convenio entre el Ministerio del Interior y el LATU pretende mejorar la atención a...

**ANEP aprobó calendario de finalización de clases**  
La Administración Nacional de Educación Pública (ANEP) publicó el calendario de fin de cursos en...

**Mais notícias**  
Incendio provocó importante pérdida económica  
Jornadas de castraciones en Rivera  
Se reúnen para solucionar un espacio físico para la mujer

**Cidade**

**Decreto de Cotas atinge instituições federais instaladas em Sant'Ana do Livramento**  
Direção da Unipampa e do Ifsul na cidade dizem que sistema não afeta em nada...

**Empresas de transporte intermunicipal alertam sobre limite de bagagem nas viagens**  
Passageiros devem ficar atentos ao número de volumes e excesso de peso nas malas. Devido...

**Mais notícias**  
Quarta-feira deverá ser marcada por mais frio  
Ação em toda cidade chama vans à regularização  
Rajadas de vento ultrapassam os 100Km/h e causam danos em pontos espalhados pela cidade

**Imagem do Dia**  
Avenida 1825, no bairro Rivera Chico, uma pessoa dormindo em via pública

**Curta nossa Fan Page**  
F.P. Jornal A Plateia Livramento  
A ti y 13 363 personas más les gusta F.P. Jornal A Plateia Livramento.

**Cadernos**  
Mais Acessadas 2 de 2012!  
A PLATEIA en español  
GUIA DO TURISTA FRONTEIRA LIVRAMENTO-RIVERA  
repórter na escola A PLATEIA  
Google Street View Agora em Santana do Livramento!

**SÓ PRA CONTRARIAR EM LIVRAMENTO**  
Dia 19 de Outubro no Estádio João Martins às 23:30h  
INGRESSOS: Lojas Deltasul (Andradas 341) | Postos Lumax (Uruguai eq. BR) | Barão Free Shop (Paysandú 1071) | www.blueticket.com.br

Fonte: A Plateia

Assim, com o contexto devidamente elucidado, passa-se à segunda etapa da HP, a análise formal ou discursiva. Como essa fase requer a utilização de uma técnica complementar, será aplicada a análise de conteúdo conforme proposta por Bardin (2010).

#### 4.3 SEGUNDA ETAPA DA HP: ANÁLISE FORMAL OU DISCURSIVA

Primeiramente, foi realizada a pré-análise. Após uma leitura flutuante do *site*, com o objetivo de ter maior familiaridade com o objeto de análise, escolheram-se os documentos a serem estudados (o *corpus* da pesquisa) com base em alguns critérios. Como já exposto, parte-se do entendimento que o esporte é uma temática adequada e inovadora para estudar o fenômeno fronteira. Partindo-se do acompanhamento do *site* durante a primeira metade de agosto de 2013, definiu-se como evento a ser analisado a Copa Barcelona Via Expressa (CBVE), que reúne equipes de futebol amador máster (acima de 45 anos). Tal escolha deveu-se ao fato de a CBVE ser uma competição local e binacional ao mesmo tempo, pois reúne equipes da região da Fronteira, tanto brasileiras quanto uruguaias. Outro fator que justifica a escolha da CBVE foi a sua presença frequente na editoria de esporte d'A Plateia.

Porém, ressalta Bardin (2010), o *corpus* deve ser definido tendo em conta alguns critérios, como exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência, assim como a disponibilidade de recursos humanos, econômicos e materiais. Partindo desses princípios, percebeu-se que era necessário analisar um número reduzido de matérias. Optou-se, assim, por não analisar as reportagens que cobrissem toda a competição, pois a época de término desta seria incompatível com os prazos necessários para a realização da pesquisa (a competição termina próxima ao fim do ano). Após uma primeira leitura das matérias, verificou-se também que um *corpus* mais extenso (que incluísse todas as notícias sobre a competição) não acrescentaria dados relevantes à pesquisa, pois as matérias são, no geral, semelhantes entre si. Dessa forma, foram selecionadas apenas as reportagens que abordassem a preparação para a competição e a primeira etapa desta. Ao total, 27 matérias compõem o *corpus* desta pesquisa, abrangendo o período de 21 de janeiro de 2013 a 5 de setembro de 2013. A coleta das reportagens deu-se nos dias 14 de agosto e 23 de setembro de 2013. Foi construída, assim, uma tabela contendo a data de publicação de cada notícia, a data e a hora da coleta, o título da matéria e o *hiperlink* correspondente.

Nessa etapa, optou-se por elaborar uma hipótese a ser testada. Segundo Bardin (2010), a hipótese é uma afirmação provisória que deve ser confirmada ou negada ao final do estudo. Essa pesquisa parte da hipótese que A Plateia utiliza o tema esporte, especificamente a Copa Barcelona Via Expressa, para estimular a integração na região de fronteira. Ao final da

pesquisa, essa hipótese será confirmada, negada parcialmente ou negada totalmente, conforme os resultados obtidos.

Também foram formulados os objetivos a serem alcançados ao final da pesquisa. Partindo da hipótese acima mencionada, um dos objetivos é entender como a editoria de esporte do *site* A Plateia utiliza o esporte para falar de integração entre brasileiros e uruguaios, isto é, entender como o conteúdo da mídia fala sobre integração e identidade regional. Além disso, pretende-se investigar de que forma a fronteira está presente nas matérias e qual a ênfase dada pelo *site* para as identidades nacionais (brasileira - uruguiaia) e a identidade cultural fronteiriça.

A elaboração do índice foi outra tarefa realizada nesta etapa da pesquisa. O índice é o que fundamenta a categorização e, neste trabalho, foi definido que este será a presença de determinadas expressões e/ou palavras (como “Fronteira”, “Fronteira da Paz” e “integração”) nos textos analisados. Partindo-se desse índice e da leitura em profundidade do material, serão estabelecidas as categorias. Dessa forma, partir-se-á do pressuposto que, quanto mais importantes forem as questões relativas à fronteira para A Plateia, mais frequente será a aparição de termos relacionados.

Vale lembrar que a unidade de registro é um elemento do texto a ser levado em conta, ou seja, é o que efetivamente será dividido em categorias; nesta pesquisa, trabalhar-se-á com palavras/expressões como unidades de registro, isto é, será feito um recorte a nível linguístico. Já as unidades de contexto, como o próprio nome explicita, ajudam a entender o contexto em que as unidades de registro estão inseridas, facilitando sua correta compreensão e categorização. A frase será a unidade de contexto utilizada neste trabalho. Por fim, as regras de enumeração são o modo de contagem; no presente caso, utilizar-se-ão presença e frequência como regras de enumeração.

Realizadas essas definições, passou-se à segunda etapa da análise de conteúdo, que consiste na exploração do material. Primeiramente, fez-se uma leitura do *corpus*, destacando-se palavras e expressões julgadas importantes. Paralelamente a essa etapa, foram sendo registradas as impressões que a leitura suscitou na pesquisadora, as quais servirão de base para as etapas posteriores da análise.

Após a leitura, foi feito um rascunho de categorias, listando elementos que apareceram nas notícias analisadas. São estes: 1) “Fronteira”; 2) “Fronteira da Paz”; 3) “Santana do Livramento” / “Rivera” / “Lado Brasileiro”; 4) “Integração” / “confraternização”; 5) “Comunidade fronteiriça” / “comunidade de Rivera e Livramento”; 6) Uso do “portunhol”.

Já nesse primeiro momento da análise foi possível perceber a presença de expressões como “Fronteira” e “Fronteira da Paz”, como no exemplo abaixo, *print screen* de matéria publicada em 1º de junho de 2013<sup>30</sup>:

**Figura 6 - Notícia publicada no dia 1º/06/2013**

## Fronteira sedia mais uma rodada da Copa Barcelona/Via-Expressa

Tags: barcelona copa master rodada via expressa

### Jogos acontecem em gramados de Livramento e Rivera, na tarde deste sábado



Os veteranos voltam a campo neste sábado, dentro da Copa Barcelona/Via-Expressa, promovida pela Liga Independente Master, contando com disputas em ambos os lados da Fronteira da Paz.

A comunidade fronteiriça está convidada a comparecer e prestigiar os craques do passado, que ainda fazem a alegria de suas torcidas, dando show de qualidade técnica e amor pelo futebol.

No último fim de semana, do total de sete jogos previstos na tabela, apenas cinco foram concretizados, em virtude das condições dos campos do Oriental e Peñarol.

Na oportunidade, no campo do Huracan, o Centauro goleou o Las Acácias por 5×1. Armour e Julio de Castilhos ficaram no empate, sendo que o embate teve como palco o estádio Miguel Copatti.

Os craques da master voltam a campo neste sábado, pelos campos da Fronteira

Também no campo do Armour, o São José venceu o Huracan por 2×1.

**Fonte: A Plateia**

A alusão às cidades de Rivera e Santana do Livramento como lugares distintos também é recorrente nas matérias analisadas. O uso desses termos pode dar a ideia de separação e diferenciação, como fica claro no trecho: “O atual campeão é o Huracan de Rivera, que quebrou a hegemonia dos santanenses, levando o título para a cidade de Rivera”<sup>31</sup>.

Palavras como “integração” e “confraternização” também são encontradas em algumas das reportagens pesquisadas. Um exemplo que pode ser citado neste caso é a notícia

<sup>30</sup> A PLATEIA. **Fronteira sedia mais uma rodada da Copa Barcelona/Via-Expressa**. 1 jun. 2013. Disponível em: <<http://jornalplateia.com/aplateia/?p=81470>>. Acesso em 11 out. 2013.

<sup>31</sup> A PLATEIA. **Campeonato da Liga Independente inicia em março, com 13 equipes**. 21 jan. 2013. Disponível em: <<http://jornalplateia.com/aplateia/?p=67087>>. Acesso em: 11 out. 2013.

sobre a suspensão de uma das rodadas em função do falecimento de um atleta participante do torneio<sup>32</sup> (trecho abaixo):

**Figura 7 - Matéria publicada no dia 10/05/2013**

O futebol masters da Fronteira está de luto, e em virtude disso, toda a programação do fim de semana acabou suspensa. A Liga Independente, de comum acordo com os clubes, transferiu a quarta rodada, que seria realizada neste sábado. O motivo, mais que justificado, foi o trágico acidente da manhã de quarta-feira, que vitimou o atleta do Esporte Clube 14 de Julho, Claudio Almeida da Silva.



Claudio Almeida da Silva era o grande líder da equipe master do 14 de Julho

O capitão dos masters do 14 de Julho foi sepultado ontem, com a esposa Marcia Rejane, que também faleceu no acidente. A rodada foi transferida pela segunda vez, já que no sábado passado choveu, sendo remarcada para o sábado da próxima semana.

A perda do companheiro ainda mantém atletas do 14, dirigentes da Liga e demais jogadores dos outros clubes abalados. Hottos Biancher resumiu o sentimento dos masters neste momento. “Nossa liga tem como primeiro objetivo a confraternização, parceria, amizade e diversão entre seus integrantes, e o clima não estaria assim. Ficou, então, assim decidido, em respeito ao nosso grande amigo Claudio Roberto Almeida da Silva, que temos certeza estar, hoje, junto a Deus”.

#### RODADA

15h45 – no Huracan  
São José x E. C. Flamengo

13h45 – no Miguel Copatti  
Centauro A. C. x Armour F. C.

15h45 – no Miguel Copatti  
Ser Barcelona x E.C. Julio de Castilhos

13h45 – na 2ª Bateria  
Aliança x Amistad

**Fonte: A Plateia**

O uso da expressão “comunidade de Rivera e Livramento”, em um primeiro momento, aparentou ter um sentido similar a “comunidade fronteiriça”, e por essa razão ambas foram reunidas em uma mesma categoria. Porém, posteriormente percebeu-se que, enquanto “comunidade fronteiriça” dá a ideia de uma única comunidade, a que vive na região da fronteira, sem diferenciar os habitantes de acordo com o lado em que vivem, “comunidade de Rivera e Livramento” também fala de uma única comunidade, mas faz, ainda assim, uma distinção entre um lado e outro da fronteira.

Já com a expressão “uso do ‘portunhol’” faz-se referência à confusão entre as línguas que pode ser vista em alguns momentos. Por exemplo, em algumas notícias, a equipe

<sup>32</sup>A PLATEIA. **Por luto, liga independente suspende rodada.** 10 mai. 2013. Disponível em: <<http://jornalplateia.com/plateia/?p=78921>>. Acesso em: 11 out. 2013.

“Peñarol” (nome uruguaio original) é chamada “Penharol”, isto é, tem seu nome aportuguesado.

Assim, reagrupando categorias que tinham algo em comum (“fundindo-as” entre si) e promovendo o deslocamento de alguns elementos, chegou-se à seguinte classificação: 1) “Fronteira” / “Fronteira da Paz” / “comunidade fronteira” / “integração” / “confraternização”; 2) “Santana do Livramento” / “Rivera” / “Lado brasileiro”; 3) “Comunidade de Rivera e Livramento” / Uso do “portunhol”.

Renomeando as categorias para esclarecer seus sentidos, temos, por fim:

**Tabela 1 – Categorias utilizadas na análise formal ou discursiva**

<b>Nome da categoria</b>	<b>Explicação</b>
Unidade	Categoria que agrupará termos que <u>unicamente</u> explicitam a unidade da região fronteira, estimulando a integração e dissolvendo as diferenças nacionais e/ou municipais.
Distinção	Aqui serão agrupados termos que apontam <u>unicamente</u> uma distinção entre locais e pessoas de acordo com o local de origem (nação ou cidade).
Aproximação	Uma espécie de “meio termo” entre as duas categorias anteriores, na qual estão presentes tanto elementos de integração e unidade quanto de diferenciação.

**Fonte: A autora**

Com as categorias elaboradas, passou-se a enquadrar as palavras e expressões selecionadas. Ao final, foram agrupados 206 termos, assim distribuídos:



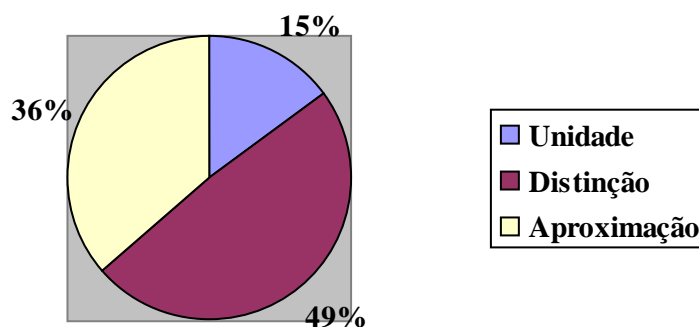
Tabela 2 – Distribuição nas categorias

<b>Categoria</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Percentual</b>
1 – Unidade	31	15,04%
2 – Distinção	100	48,54%
3 – Aproximação	75	36,4%

Fonte: A autora

O gráfico abaixo sintetiza melhor a distribuição dos termos nas categorias:

Gráfico 1 – Distribuição nas categorias



Fonte: A autora

Como se vê, as palavras que fazem referência a uma distinção entre Uruguai e Brasil/Rivera e Santana do Livramento aparecem em maior número, correspondendo a quase metade das ocorrências. Os termos que se referem, simultaneamente, à unidade fronteiriça e a distinção por cidade/país representam 36% das unidades de registro. Por fim, as expressões que fazem referência unicamente à integração e união entre uruguaios e brasileiros correspondem a apenas 15% das unidades de registro analisadas.

Como exposto anteriormente, a presença não é a única regra de enumeração com a qual se trabalha nesta pesquisa; utiliza-se também a frequência. O termo mais frequente na categoria 1 é “amistoso” (no singular ou no plural), com nove ocorrências. Mesmo que no jargão esportivo “amistoso” refere-se a partidas que não fazem parte de nenhuma competição,

o uso deste termo é significativo, pois seu sentido original é “que é próprio de amigo(s); com amizade, amigável, afetuoso”<sup>33</sup>.

Outra palavra que aparece com frequência relevante é “Fronteira”, com seis ocorrências. O uso da inicial maiúscula em um substantivo comum é expressivo, pois, segundo o Manual de Redação disponibilizado pela Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul<sup>34</sup>, um dos propósitos para a utilização de letras maiúsculas é dar destaque a uma palavra, seja substantivo próprio ou não. Já segundo o Manual de Redação e Estilo do jornal O Estado de São Paulo<sup>35</sup>, as iniciais maiúsculas devem ser usadas nos “nomes comuns, quando personificados ou individualizados” (grifo da pesquisadora). “Fronteira da Paz” (note-se, novamente, o uso de maiúsculas) é o terceiro termo mais frequente na categoria 1, com cinco ocorrências.

Já na categoria 2, as palavras mais frequentes são relacionadas ao combate (típico no jornalismo esportivo). Assim, “competição” é o termo com maior presença nas matérias analisadas, com 33 casos. Em segundo lugar, tem-se “confronto”, com 13 ocorrências, e, em terceiro, “disputa” (incluindo termos derivados, como “disputam”), registrada 12 vezes.

Na categoria 3, em termos de frequência, destaca-se “Las Acácias”, com 33 casos. “Las Acácias” é o nome de um dos times participantes da competição, proveniente de Rivera. O relevante, nesse caso, é a acentuação da palavra “Acácias”. Na língua portuguesa, as palavras paroxítonas terminadas em ditongo (caso de “acácia”) recebem acento obrigatoriamente<sup>36</sup>; em espanhol, a palavra não recebe acento, por ser uma paroxítona terminada em vogal<sup>37</sup>. No entanto, em 33 casos, a expressão foi escrita aportuguesada, com acento. O mesmo acontece no caso de “Universitário” (nome de outra equipe riverense participante da copa). Originalmente sem acento, a palavra é escrita de forma aportuguesada 21 vezes. Outra equipe participante do torneio, o Peñarol, tem seu nome aportuguesado (“Penharol”), em sete ocorrências.

Um acento ou a troca de “ñ” por “nh” podem até parecer pequenos detalhes, mas também podem ser entendidos como um exemplo da proximidade dos dois idiomas na região de fronteira, a tal ponto que torna difícil, em alguns casos, distinguir uma língua da outra. Como escreve Weber (2011, p. 4), “na fronteira que constitui nosso recorte, o modo de

<sup>33</sup> HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1a ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

<sup>34</sup> PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. **Manual de Redação**. Disponível em: < <http://www.pucrs.br/manualred/maiusculas.php>>. Acesso em 13 out. 2013.

<sup>35</sup> MARTINS FILHO, Eduardo Lopes. **Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo**. São Paulo: Moderna, 1997.

<sup>36</sup> ALMEIDA, Nilson Teixeira. **Gramática completa para concursos e vestibulares**. São Paulo: Saraiva, 2009.

<sup>37</sup> GÓMEZ TORREGO, Leonardo. **Gramática Didáctica del Español**. Madri: Ediciones SM, 1999.

circulação das línguas portuguesa e espanhola faz com que uma língua invada o espaço de enunciação da outra, o que é propiciado pela sua própria condição de proximidade enunciativa”. Além disso, é possível perceber que a “dominação” da língua portuguesa não é algo esporádico, e sim frequente e significativo.

Uma vez feita a análise propriamente dita, passa-se à terceira etapa da hermenêutica de profundidade, a interpretação/re-interpretação.

#### 4.4. TERCEIRA ETAPA DA HP: INTERPRETAÇÃO/RE-INTERPRETAÇÃO

Essa fase da Hermenêutica de Profundidade é denominada por Thompson (2002, p. 375) de interpretação/re-interpretação. A interpretação é uma “explicação interpretativa do que está sendo representado ou do que é dito”, sendo uma síntese do que foi encontrado na análise. Mas o autor lembra que esse processo é, simultaneamente, uma re-interpretação, pois o investigador está reinterpretando um campo já pré-interpretado pelos sujeitos que formam o mundo sócio-histórico.

Este é o momento em que se conjugam a análise sócio-histórica (o contexto obtido previamente) e os dados encontrados na análise formal ou discursiva (análise de conteúdo). A análise sócio-histórica expôs a particularidade da região de fronteira analisada e o alto grau (pelo menos aparente) de integração entre seus habitantes. A primeira fase da pesquisa mostrou também que o discurso institucional do *site* analisado menciona diversas vezes a Fronteira da Paz (com iniciais maiúsculas) como uma entidade única e plenamente integrada e, por consequência, a cultura fronteiriça como uma só.

Já os resultados encontrados na análise formal ou discursiva mostram que, pelo menos no âmbito da editoria e das notícias analisadas (que cobrem uma situação bastante específica), a integração e a unidade da fronteira não são os elementos mais presentes. Afinal, dos 206 termos analisados e categorizados, quase a metade destes aponta para uma distinção entre habitantes de um lado e outro da linha nacional. Aqui se pode lembrar Grimson (2002; 2012), que afirma que o conflito é uma das marcas principais das zonas fronteiriças, o que também se observa na região analisada.

Observando as expressões que foram enquadradas na categoria 2 (Distinção), pode-se perceber que há muitas oriundas da linguagem militar, algo típico no jornalismo esportivo, como “confronto”, “embate”, “disputa” e “competição”. Em substituição, o *site* poderia utilizar outras palavras bastante usuais no jornalismo esportivo e que não carregam implicitamente o sentido militar, como “partida”, “jogo”, “campeonato” ou “torneio”.

Pensando nos termos dessa distinção, outros aspectos que estavam presentes no *corpus*, mas que não foram categorizados, também podem ser significativos, como o fato de o nome do campeonato ser em língua portuguesa (unindo o nome do clube organizador do torneio, Barcelona, e de um patrocinador, Via Expressa, ambos de Livramento). Durante o período analisado, dois jantares festivos foram promovidos: um em abril, na ocasião do lançamento do campeonato, e outro em agosto. As duas confraternizações foram realizadas na sede da Associação Atlética do Banco do Brasil, em Livramento. Uma das notícias analisadas, inclusive, explica que os ingressos para o jantar de agosto custavam R\$ 15,00. O preço disposto na moeda brasileira, sem uma equivalência em *pesos* uruguaios, é mais uma distinção encontrada nas matérias.

Outro aspecto que chama a atenção é a frequência de referências aos nomes das cidades (“Rivera”, “Livramento”, “santanenses”, “riverenses”), para classificar uma pessoa, um estádio, um clube etc. de acordo com a sua origem ou localização. Assim, pode-se ver que, nessa região, mesmo com a grande frequência de cidadãos *doble chapa* (com dupla cidadania), a cidade e o país ainda são fatores de identificação importantes. O indivíduo que vive nessa região precisa constantemente afirmar sua própria identidade, diferenciando-se do “outro”, e a nação ou cidade de origem é uma das ferramentas utilizadas para tal. O fato de esse “outro” estar tão perto, do outro lado da avenida, gera essa necessidade permanente.

No entanto, nenhuma das matérias analisadas faz referência explícita sobre o que é ser brasileiro, ou seja, quais as características associadas a essa identidade nacional. Sendo A Plateia um veículo brasileiro, destinado majoritariamente a brasileiros, toma essa identidade como dada, consensual, como se o leitor não precisasse desse tipo de explicação. Em uma das matérias, porém, há uma referência ao “outro uruaio”, visto como alguém aguerrido, disposto a lutar, que joga um futebol “feio”:

Figura 8 - Matéria publicada no dia 29/04/2013

» 14, Armour, Centauro, Amistad, São José e Aliança vencem

## 14, Armour, Centauro, Amistad, São José e Aliança vencem

Tags: barcelona futebol master rodada Taça via expressa

### Rodada de sábado foi a terceira da fase inicial da Taça Barcelona/Via Expressa



Amistad venceu a partida contra o Oriental, no Honório Nunes

A rodada de sábado pela Taça Barcelona/Via Expressa, a terceira da fase classificatória, mais uma vez agitou os atletas acima dos 45 anos. Os principais jogos ocorreram no lado brasileiro da Fronteira e foram disputados em quatro estádios diferentes. No Honório Nunes, por exemplo, ocorreu um clássico riverense. O Amistad enfrentou o Oriental e o jogo foi marcado pela velha e surrada vontade dos uruguaios. A garra não faltou e a disposição de disputar cada bola como se fosse a última predominou. Mas também houve lances bonitos. As equipes empatavam em 2 x 2, quando a 6min. do fim, o atacante do Amistad entrou pela direita e, em um belo chute, por cobertura, decidiu a partida e a vitória do Amistad por 3 x 2. No Estádio de João Martins, o 14 de Julho recebeu um empolgado time do Las Acácias, que vinha de vitória.

O 14 forçou o jogou e logo abriu 2 X 0 com gols dos atacantes Luis Carlos e Aldo. Luis Carlos marcou o terceiro. O Lãs Acácias descontou em uma cobrança de pênalti, mas o escore ficou no 3 x 1, 14. No Estádio Eurico Gaspar Dutra, jogaram Ser Barcelona e Aliança. Se o Barcelona desperdiçou as chances criadas, seu adversário não. O resultado por um placar elástico para o Aliança, 4 x 1. No Miguel Copatti, a competição teve rodada dupla. Na primeira partida, o Armou perdeu para os atuais campeões, o Oração por 2 x 1, e o Centauro venceu a primeira na competição, 1 X 0 sobre o Flamengo. O São José venceu o Julio de Castilhos, no Estádio do Huracan, em Rivera.

Fonte: A Plateia

Como lembra Hall (2006), a nação é um dos elementos (mesmo que não o único) que podem definir uma identidade, porque o conceito de nação está fortemente associado à afetividade e ao sentimento de pertencimento. Atuando como um parâmetro perceptivo, auxilia a homogeneizar e a diferenciar. Isto é, a identidade nacional é um elemento que ajuda a definir quem somos “nós” e quem são “os outros” e onde está a linha que faz essa distinção. Nesse ponto, a imprensa desempenha um papel importante, pois é uma produtora identitária, que ajuda a construir inclusive o conceito de fronteira (GRIMSON, 2002; MÜLLER, 2003).

Porém, essa distinção entre “nós” e os “outros” é bastante confusa nas regiões de fronteira. Se, em alguns momentos, A Plateia utiliza a nação e/ou a cidade para diferenciar; em outros, usa expressões como “comunidade fronteiriça”, “Fronteira” e “Fronteira da Paz”, o que também deve ser considerado. Segundo Müller (2003), a menção frequente à Fronteira é uma espécie de reconhecimento da mídia ao convívio diário (e muitas vezes desgastante) com

o outro. Mesmo que em menor número do que as expressões de “distinção”, o uso cotidiano desses termos mostra que a identidade fronteiriça é resgatada em certos momentos.

Essa coexistência de identidades lembra o defendido por Hall (2006), que afirma que, na atualidade, o sujeito não possui mais uma identidade estável e única, mas, sim, identidades diversas, as quais são assumidas de acordo com a ocasião e o propósito. Assim, a pessoa que mora na fronteira ora se define como “santanense” ou “riverense”, ora como “brasileiro” ou “uruguaio”, ora simplesmente como “fronteiriço”. É a “caixa de ferramentas identitárias” de Grimson (2012), a partir da qual o indivíduo pode optar por qual identidade usar em certo momento. Escolhendo certa identidade, que possui determinados sentidos, o sujeito coloca-se em algum lugar perante os outros. Se a caixa de ferramentas identitárias da região analisada comporta tanto as identidades nacionais (uruguaia – brasileira) quanto a identidade regional (fronteiriça), é porque essas identidades são convenientes em determinados momentos, mas não em outros. Identificar-se como uruguaio ou brasileiro pode ser útil quando há a necessidade, por algum motivo, de diferenciar-se daquele “outro” que está do outro lado da avenida; já se posicionar como fronteiriço pode ser uma posição de enfrentamento à hegemonia das capitais, que estão localizadas muito longe da região e não atendem plenamente aos interesses dos habitantes da fronteira. Como lembra Müller (2003, sem página), a linha delimitadora torna-se “‘móvel’ à medida que oscila entre o local e o internacional, dependendo da situação e da necessidade”.

Assim, a conveniência é o que determina qual identidade será resgatada por A Plateia em determinado momento e quando a Fronteira será mencionada ou deixada de lado: inclusive, em uma mesma matéria as duas situações podem coexistir, como no exemplo abaixo.

Figura 9 - Matéria publicada no dia 20/02/2013

» Masters se preparam para o campeonato da categoria 45 anos

## Masters se preparam para o campeonato da categoria 45 anos

Tags: 45 anos craques futuebol master



Os veteranos voltam a campo no mês de março

### O início dos jogos está previsto para o mês de março

Os craques veteranos da Fronteira da Paz estão se preparando para mais uma edição do Campeonato da categoria 45 anos. O desportista Edson Inchauspe, popular Prego, dirigente do Barcelona, ex-presidente e um dos colaboradores da Liga Independente de Futebol Master, informou que a competição está prevista para começar na primeira semana do mês de março, mantendo a fórmula das edições anteriores, com as equipes jogando entre si, em partidas de turno e retorno até a classificação das oito melhores. Depois iniciam os jogos de mata-mata até a definição do campeão. O atual campeão é o Huracan de Rivera, que quebrou a hegemonia dos santanenses levando o título para a cidade de Rivera.

Outra novidade será novamente o patrocínio do provedor de internet Via Expressa, do empresário Sergio Oliveira.

Com isso, a competição volta a ser denominada Taça Barcelona/Via Expressa. A última novidade será a inserção de mais um clube, aumentando para 13 o número de participantes. O Universitário vem da cidade de Rivera e se junta ao Oriental, Hucaran e Las Acácias na representação da vizinha cidade. Pelo lado brasileiro, os participantes são Flamengo, Armour, São José, Aliança/Apafut, Julio de Castilhos, Ser Barcelona, 14 de Julho e Centauro.

**Fonte: A Plateia**

Na matéria acima, é possível perceber uma menção à “Fronteira da Paz”, logo na primeira linha, e uma clara distinção entre Rivera e Livramento, no trecho “O atual campeão é o Huracan de Rivera, que quebrou a hegemonia dos santanenses levando o título para a cidade de Rivera”. No primeiro caso, utiliza-se “Fronteira da Paz” para localizar o acontecimento e limitá-lo àquela região. No segundo caso, fica evidente a disputa entre Rivera e Livramento (neste caso, pelo título do campeonato).

Mesmo havendo essa diferenciação entre os municípios em muitos casos, é interessante ressaltar a ausência, na maioria das matérias pesquisadas, de referência às cidades onde estão localizados os estádios. De modo geral, as reportagens dão o serviço referente à próxima rodada (quais partidas acontecerão em que datas e horários e em qual estádio), mas sem especificar em qual lado da fronteira acontece cada jogo, como no exemplo abaixo:

Figura 10 - Matéria publicada no dia 13/06/13

## Copa Barcelona/Via-Expressa mobiliza atletas masters

Tags: barcelona copa futebol masters via-expressa



Sete jogos marcaram a 7ª rodada da Copa Master no fim de semana

A Fronteira da Paz viveu mais uma rodada da Copa Barcelona/Via-Expressa, que reúne nos gramados de Sant'Ana do Livramento e Rivera, grandes craques do passado, que até hoje ainda fazem a alegria dos torcedores, que acompanham de perto cada rodada da competição.

Gols não faltaram nos sete confrontos do último fim de semana, sendo que os artilheiros prometem ainda mais emoções para a próxima rodada, prevista para o dia 15 de junho. Por isso, convidam santanenses e riverenses a prestigiarem a competição organizada pela Liga Independente Master.

### Resultados da 7ª Rodada - 8 de junho

SDR São José 2×1 Oriental A. C.  
Deportivo Floripa 1×3 Amistad  
E. C. Flamengo 1×3 Aliança  
Ser Barcelona 0×2 Armour F. C.  
Centaurio A. C. 2×3 E. C. Julio de Castilhos

14 de Julho 4×2 Huracan  
Universitário 5×1 Las Acácias

### 8ª Rodada – 15 de junho

#### Jogos Horário Campo

SDR São José x E. C. 14 de Julho 13h30 C/15' João Martins (14 de Julho)  
C. A. Huracan x SER Barcelona 15h30 C/15' Huracan  
Deportivo Floripa x Oriental A. C. 15h30 C/15' Penharol  
Armour F. C. x E. C. Flamengo 13h30 C/15' Miguel Copatti (Armour)  
Centaurio A. C. x Rivera Universitario 15h30 C/15' Miguel Copatti (Armour)  
Aliança x CSD Las Acácias 13h30 C/15' Eurico Gaspar Dutra (2ª Bia)  
Amistad x E. C. Julio de Castilhos 13h30 C/15' Honório Nunes (Grêmio Santanense)

**Fonte: A Plateia**

Pode-se entender essa falta de referência à localização dos estádios como o fato de ser “inevitável” que os habitantes da fronteira já conheçam essa informação. Utiliza-se o termo “inevitável” pensando no trabalho de campo de Sánchez (2002), que percebe a vinculação entre os habitantes riverenses e santanenses como algo do qual não se pode fugir. O outro está ali, do outro lado da avenida, é impossível não conhecer esse outro e, em algumas vezes, quando for útil, unir-se a ele.

Nesse ponto, pode-se buscar o conceito de "configuração cultural" conforme proposto por Grimson (2012), no qual estão presentes elementos como hegemonia, hierarquias e construções de sentidos socialmente compartilhados. A configuração cultural da fronteira estudada é altamente complexa e, por meio do *corpus* analisado, percebe-se que a



fronteira Livramento-Rivera, apesar de marcada por um forte discurso integracionista, não foge das desigualdades e hierarquias próprias desses espaços fronteiriços.

A imprensa tem um papel importante nesse processo, pois ajuda a fixar e tornar hegemônicos os significados construídos socialmente (GRIMSON, 2002). Dentro de um universo de possibilidades, A Plateia, enquanto ator social fronteiriço, “fala” de integração em seu texto institucional e, algumas vezes, nas próprias matérias, mas, após a análise de conteúdo das notícias pesquisadas, é possível perceber as contradições dentro desse discurso. Riverenses e santanenses compartilham uma trama simbólica comum, até em função da própria integração física das duas cidades, mas, ainda assim, há distinções e desigualdades. O que se pode ver nas matérias estudadas é um predomínio brasileiro. Afinal, A Plateia é um *site* brasileiro e, apesar de ter como leitor o público da fronteira em geral, pode-se perceber pelo seu discurso que o veículo fala a partir de um lugar e de um ponto de vista específicos, ou seja, o brasileiro. O domínio da língua portuguesa (inclusive sobre as palavras espanholas) é um traço marcante que aponta nessa direção. Mesmo que algumas vezes o *site* resgate da “caixa de ferramentas identitárias” a identidade de fronteiriço, isso é feito quando conveniente e com alguns propósitos específicos, como uma forma de diferenciar a região.

Em relação às características da *web*, foi possível chegar perceber que A Plateia pouco utiliza os recursos disponibilizados por esse meio. As matérias analisadas são construídas ainda dentro da lógica do jornal impresso, contendo normalmente o texto e uma foto ilustrativa. Ferramentas como vídeos e áudios, que poderiam enriquecer as reportagens, não são utilizadas nas notícias analisadas. No entanto, o *site* disponibiliza a edição do dia do jornal impresso, o qual parece ser um bom recurso para garantir as visitas frequentes por parte dos habitantes da região (MÜLLER *et al.*, 2012b). O acesso à edição impressa é liberado, não sendo necessário ser assinante ou ter qualquer tipo de cadastro. Todas as notícias pesquisadas apresentam um espaço para comentários dos leitores e, para comentar, é necessário fazer um cadastro gratuito no *site*. Entretanto, em nenhuma das 27 reportagens analisadas há comentários de leitores, o que pode indicar que o usuário ainda não tenha se adaptado a esse novo recurso. No entanto, não se pode dizer que o leitor não tenha participação no processo de produção jornalística, pois ele pode, por exemplo, mandar cartas, ir pessoalmente à redação ou falar com os jornalistas via telefone (FANTONI; BORELLI, 2013). Outro recurso presente é a utilização de *tags*, etiquetas associadas à notícia para facilitar sua busca, e uma lista de matérias relacionadas. Cada notícia mostra também o número de visualizações obtidas até o momento. De um modo geral, o número é baixo, não passando dos 100 acessos. Uma exceção é uma reportagem com 392 acessos, que noticia a suspensão de uma rodada em função do

falecimento de um dos atletas do 14 de Julho, equipe de Santana do Livramento. Acredita-se que esse grande número de visualizações deve-se mais em função da morte do atleta do que à suspensão da rodada propriamente dita.

Em relação às características do webjornalismo descritas por Mielniczuk (2003), percebe-se que a hipertextualidade está pouco presente no *corpus*, resumindo-se a notícias relacionadas e *tags*, porque as notícias analisadas permitem apenas uma leitura unilinear. Há algum espaço para a interatividade quando A Plateia disponibiliza uma seção de comentários; no entanto, não há uso dessa seção por parte do leitor, pois nenhuma das notícias analisadas apresenta comentários. A multimídia é pouco presente, já que as matérias são compostas basicamente por texto e fotos, como no jornal impresso. Em relação à instantaneidade, esta também não pode ser verificada, pois as rodadas do fim de semana foram noticiadas normalmente na quarta ou quinta-feira seguinte. Já a memória está presente na forma de notícias relacionadas, listadas ao fim de cada matéria, o que permite um resgate dos acontecimentos das últimas rodadas.

Assim, pode-se perceber que A Plateia não vem utilizando propriamente a técnica da pirâmide deitada proposta por Canavilhas (2006) para o webjornalismo. O nível de contextualização, que consiste em infográficos, áudios, vídeos, recursos multimídia etc., é pouco frequente nas matérias pesquisadas. Porém, como pode essa ausência de recursos influenciar no conteúdo do *site* e do seu discurso sobre integração e esporte?

Pavlik (2005) sustenta que a *internet* beneficia o jornalismo ao torná-lo mais completo e contextualizado, e o webjornalismo traria informações que refletissem melhor as pluralidades das sociedades, através de características como a maior participação do público e ampliação das modalidades comunicativas (inclusão de áudios e vídeos nas notícias, por exemplo). No desenvolvimento da pesquisa, foi possível perceber que o *site* A Plateia, atualmente, não poderia ser considerado um exemplo do jornalismo contextualizado de Pavlik (2005), pois utiliza muito pouco os recursos multimídia da *web* e que a participação do leitor no processo é pequena, pelo menos no âmbito das ferramentas disponibilizadas pelo *site*. As notícias analisadas são, no geral, pouco atrativas aos sujeitos (o que explicaria o baixo número de visualizações). Acredita-se que o pouco uso dessas ferramentas prejudica o aporte à sociedade fronteiriça de informações mais completas e interessantes, o que pode prejudicar também um discurso mais favorável à integração, tendo em vista que as informações locais raramente estão presentes nos noticiários no jornalismo de referência de nível estadual ou nacional (DORNELLES, 2013).

Mudando o ângulo de análise, pode-se pensar nas características do jornalismo esportivo apontadas por Borelli (2002). A “grande conversação”, marcada pela polifonia de vozes, tampouco está presente nas reportagens d’A Plateia sobre a Copa Barcelona Via Expressa. Pelas notícias veiculadas na *web*, o leitor não consegue saber quem é o repórter que cobre o torneio, nem mesmo se há mais de um jornalista exercendo essa função, pois não há assinatura nas notícias. E, como o leitor também não participa da seção de comentários, não são registradas discordâncias das informações que o *site* veicula sobre a competição. De um modo geral, as notícias também não apresentam grande abrangência, limitando-se a narrar os resultados das partidas realizadas e a informar os jogos da rodada seguinte (a abrangência para além do acontecimento esportivo central, o jogo, é outro atributo do jornalismo esportivo apontado por Borelli). Isto é, são bastante burocráticas, de pequeno tamanho e desenvoltura. Esse fato é verificado mesmo nas reportagens que tratam da preparação para o torneio, pois informam apenas sobre os amistosos que foram realizados e as características da competição (número de participantes, data de início etc.). Já a liberdade de formato, outra característica descrita por Borelli (2002), está presente no *corpus*, com o uso de uma linguagem menos formal e da mistura dos gêneros informativo e opinativo.

Pode-se lembrar também do que fala Alcoba López (2011), em relação ao duplo caráter do esporte: o lúdico e o competitivo. Nas reportagens analisadas, o lado lúdico, que poderia ser um “gancho” para estimular a integração, é quase totalmente ocultado, e a competição prevalece, o que contribui para o acirramento da rivalidade e da diferenciação “nós” *versus* “outros”. Afinal, como lembra Moragas Spà (1994), o esporte desempenha um papel importante na organização do imaginário e na cultura cotidiana.

Se, tanto para o Brasil quanto para o Uruguai, o futebol é um assunto de grande importância, inclusive para a definição das identidades nacionais (GIULIANOTTI, 2002; NEGREIROS, 2003; FRANCO JÚNIOR, 2007), isto é, sendo um elemento comum entre os dois países, acredita-se que este poderia ser usado por A Plateia visando à integração (que é justamente um dos objetivos da Copa Barcelona Via Expressa). E, se algumas ferramentas proporcionadas pela *web*, como a multimídia (áudio e vídeo), auxiliam o jornalismo esportivo na hora de exaltar sentimentos e emoções (LORENZO NAVARRO, 2013), estas também poderiam ser usadas por A Plateia para favorecer a integração, principalmente no sentido de tornar as matérias mais atrativas para o usuário. Além disso, sendo A Plateia um veículo local – e, como afirma Pavlik (2005), a conexão com a comunidade local continua sendo importante no webjornalismo – o *site* poderia aproveitar esse vínculo mais próximo com o leitor para por em pauta e fortalecer as questões (sempre marcadas pelo contraditório, como

lembra Grimson) da fronteira – visando tanto o leitor que mora na região quanto aquele que, mesmo residindo em outros lugares, tem interesse pelas questões da fronteira por alguma razão.

Mesmo que o meio (*web*) e a temática (futebol) pareçam adequados para estimular um convívio pacífico entre os fronteiriços, pode-se concluir que, da forma atual, as matérias d'A Plateia *online* sobre a Copa Barcelona Via Expressa expressam o paradoxo que é viver em uma região de fronteira, onde o conflito e a harmonia convivem e se entrelaçam (GRIMSON, 2002; 2012). Apesar de o discurso institucional de A Plateia dar ênfase às questões de integração, o conflito e a tensão típicos das regiões de fronteira estão tão presentes no cotidiano dos jornalistas que escrevem as matérias que acabam transparecendo no discurso do *site*. É claro que a integração e a identidade fronteiriça também são úteis em certos momentos. Os jornalistas de A Plateia, talvez sem perceber, resgatam esses elementos conforme o contexto de conveniência; mas, na presente análise, dentro de campo, a integração poucas vezes é útil. Pelo contrário: uma vez que a ênfase é dada à competição e à distinção, e não aos aspectos lúdicos e integracionistas, o futebol acaba sendo mais um momento conveniente para distinguir “nós” dos “outros”.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciou-se este trabalho com uma hipótese em mente: A Plateia utiliza o tema esporte, especificamente a Copa Barcelona Via Expressa, para estimular a integração na região de fronteira estudada. Tal hipótese surgiu do período de observação e coleta de material do *site* A Plateia para o grupo de pesquisa “Práticas Socioculturais Fronteiriças na Mídia Online”, da Fabico/UFRGS, em 2011. Porém, ao longo das leituras e do processo de análise inspirado na Hermenêutica de Profundidade de Thompson (2002), foi possível perceber que o discurso midiático sobre as questões de fronteira é muito mais complexo do que a hipótese da qual partiu esta pesquisa.

De fato, a região estudada tem algumas particularidades em relação a outras zonas de fronteira, como o fato das duas cidades serem integradas fisicamente, sem controle estatal de entrada e saída. Entrar e sair de um país, em Rivera e Livramento, requer simplesmente atravessar uma avenida; muitas vezes, a fronteira não está bem delimitada, justamente por essa ausência de limites físicos ou institucionais. O entrelaçamento entre o local e o nacional é constante, e a diferenciação entre um país e outro, confusa. A integração é um elemento cotidiano na vida dos habitantes da região, mas, como alerta Grimson (2002, 2012), o pesquisador deve cuidar para não cair no “essencialismo da irmandade”. A fronteira é uma zona complexa, pois reúne comunicação, diálogo, integração, conflito, desigualdade, poder. O Estado, de uma forma ou de outra, está presente, exercendo um papel de árbitro, e a fronteira nacional, mesmo que imaginária, realiza um papel importante de conduzir a percepção das pessoas sobre quem somos nós, quem são os outros, quais pontos há em comum ou não.

Lembrando Wright (2010), mais do que uma entidade única, com atributos bem definidos, a cultura fronteiriça é parte de um processo permanente de luta pelos significados, inclusive sobre o que significa ser brasileiro, uruguaio e fronteiriço. Nesse sentido, acredita-se que a opção por trabalhar com notícias veiculadas na *web* e que cobrissem uma competição futebolística foi adequada, pois os dois âmbitos fornecem recursos interessantes para trabalhar o tema das identidades fronteiriças e da integração. No viés do futebol, a questão das identidades é central, pois a região de fronteira estudada localiza-se entre dois países onde esse esporte é de fundamental importância nos processos de construção e manutenção das identidades nacionais, ou seja, é um elemento em comum (GIULIANOTTI, 2002; NEGREIROS, 2003; FRANCO JÚNIOR, 2007). Em relação à *web*, os *sites* jornalísticos locais têm como vantagem o fato de conseguir estabelecer vínculos com os usuários em função da proximidade (BARBOSA, 2002). A mídia de fronteira *online*, quando aborda os

assuntos relativos à região fronteiriça (inclusive o esporte), une o local e o internacional constantemente e consegue, também, atingir indivíduos que estão fisicamente distantes da região (MÜLLER, 2003). Acreditava-se, assim, que, reunindo todos estes elementos, encontrar-se-iam notícias que estimulassem a integração entre os fronteiriços e que ressaltassem mais as semelhanças que as desavenças, gerando inclusive uma imagem mais positiva da fronteira (que, normalmente, é mais conhecida pelos seus problemas policiais) dentre os usuários.

Porém, contrariando a hipótese inicial, a análise do *corpus* revelou que a integração não é o elemento mais presente nas notícias esportivas d'A Plateia. Pelo contrário, os elementos classificados na categoria "Distinção" representam quase a metade dos termos analisados. Em uma região que se intitula como a "Fronteira mais irmã do mundo" (A PLATEIA, 2013b), esse dado é bastante significativo, pois mostra que, apesar do discurso favorável à integração, o conflito é inevitável e está sempre presente, pois o "outro" está do outro lado da avenida; diferenciar-se deste é uma necessidade cotidiana. O lado lúdico do esporte, tal como apontado por Alcoba López (2011), é pouco presente nas reportagens pesquisadas, prevalecendo a competição. Dessa forma, o futebol amador acaba sendo um assunto que desperta a rivalidade dos fronteiriços, tal como já havia apontado Müller (2003).

É claro que a integração e a irmandade também estão presentes nas reportagens, principalmente nas expressões "Fronteira" e "Fronteira da Paz". Nas ocorrências encontradas, porém, a integração está pouco relacionada ao esporte – como se este fosse um âmbito separado, como se dentro de campo, o que importa é competir e ganhar. Nega-se, então, a hipótese da qual partiu esta pesquisa, pois, dentro do *corpus* analisado, o esporte não é um elemento de integração no conteúdo do *site* A Plateia.

Percebe-se, assim, que a identidade fronteiriça é resgatada da "caixa de ferramentas identitárias" (GRIMSON, 2012) da região quando é conveniente, e não em todos os momentos. Dentro das matérias analisadas, identificar-se como fronteiriço é útil em alguns casos, como para chamar a comunidade a comparecer às partidas do campeonato ou para localizar a competição no âmbito regional (isto é, informar que o torneio acontece naquela região específica). Já as identidades nacionais, no âmbito do esporte, são utilizadas como um mecanismo para homogeneizar e diferenciar, fortalecendo a rivalidade naquela região de fronteira e aumentando a distinção entre "nós" e os "outros".

Espera-se que este trabalho tenha contribuído para o fortalecimento do campo de estudos sobre fronteiras e identidades; no entanto, a questão debatida não se encerra aqui, pelo contrário: a fronteira de Rivera-Livramento apresenta um campo vasto para novos estudos e

há muitos aspectos por analisar. Trocando-se a editoria ou o veículo de análise, talvez os resultados sejam distintos. Acredita-se que temas como política, economia e polícia sejam adequados para estudar a integração fronteiriça. Ou, permanecendo dentro da editoria de esporte, pode ser interessante trabalhar com notícias sobre as seleções de futebol brasileira e uruguaia, ou sobre outros esportes, como judô ou vôlei. Pensando no que defendem Silva e Guimarães (2012), de que o webjornalismo oferece uma alternativa ao monopólio do futebol profissional praticado pela grande mídia, sugere-se também um estudo comparativo entre as duas versões de *A Plateia* (online e impresso), para verificar se ambas oferecem o mesmo espaço ao futebol amador. Também se pode pensar na polissemia do termo “fronteira”, tal como apontado por Grimson (2012) e analisar qual dos inúmeros sentidos para a palavra é utilizado nas matérias d’*A Plateia online*. Ou, pensando pelo viés do webjornalismo, pode-se acompanhar a apropriação dos recursos da *web* por parte do veículo e, à medida que isso for acontecendo, observar se interfere ou não no discurso sobre a integração e a fronteira.

Enfim, novos recortes e possibilidades não faltam, pois a fronteira, agora, está presente na *web*. E esse meio, marcado pelas experiências, pela demora na consolidação de padrões (SAAD, 2003) e por transformações tão rápidas, requer cada vez mais olhares e teorias em constante atualização.

## 6 REFERÊNCIAS

A PLATEIA. **Campeonato da Liga Independente inicia em março, com 13 equipes**. 21 jan. 2013. Disponível em: <<http://jornalaplateia.com/aplateia/?p=67087>>. Acesso em: 11 out. 2013.

A PLATEIA. **Fronteira sedia mais uma rodada da Copa Barcelona/Via-Expressa**. 1 jun. 2013. Disponível em: <<http://jornalaplateia.com/aplateia/?p=81470>>. Acesso em 11 out. 2013.

A PLATEIA. **Nossa equipe**. 2013a. Disponível em: <[http://jornalaplateia.com/aplateia/?page\\_id=227](http://jornalaplateia.com/aplateia/?page_id=227)>. Acesso em: 16 out. 2013.

A PLATEIA. **Por luto, liga independente suspende rodada**. 10 mai. 2013. Disponível em: <<http://jornalaplateia.com/aplateia/?p=78921>>. Acesso em: 11 out. 2013.

A PLATEIA. **Quem Somos?** 2013b. Disponível em: <[http://jornalaplateia.com/aplateia/?page\\_id=27](http://jornalaplateia.com/aplateia/?page_id=27)>. Acesso em: 03 ago. 2013.

ALCOBA LÓPEZ, Antonio. **Periodismo deportivo**. Madrid: Editorial Síntesis, 2011.

ALMEIDA, Nilson Teixeira. **Gramática completa para concursos e vestibulares**. São Paulo: Saraiva, 2009.

AMARO, Fausto; SILVA, Carmelo. As novas (antigas) tendências no consumo de informações esportivas. **Esporte e sociedade**, Niterói, n. 18, set. 2011. Disponível em: <<http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es1805.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2013.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ART URUGUAY. **Diagnóstico económico del Departamento de Rivera**. 2008. Disponível em: <<http://www.agenciadesarrollorivera.com.uy/docs/rivera-diagnostico.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2013

BARBOSA, Suzana. A informação de proximidade no jornalismo online. **Contracampo**, Niterói, n. 07, p. 47-64, 2002. Disponível em: <<http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/view/475/239>>. Acesso em: 30 ago. 2013.

BARBOSA, Suzana. **Jornalismo Digital em Base de Dados: um paradigma para produtos jornalísticos digitais dinâmicos**. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas), Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007. Disponível em: <<http://poscom.tempsite.ws/wp-content/uploads/2011/03/Suzana-Barbosa.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BARDOEL, Jo; DEUZE, Mark. Network Journalism: Converging Competences of Media Professionals and Professionalism. **Australian Journalism Review**, St. Lucia, v. 23, n.2, p. 91-103, 2001. Disponível em:



<<https://scholarworks.iu.edu/dspace/bitstream/handle/2022/3201/BardoelDeuze%20NetworkJournalism%202001.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 04 set. 2013.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 189-217.

BAUER, Martin W; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento científico: evitando confusões. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 17-36.

BOIVIN, Mauricio; ROSATO, Ana; ARRIBAS, Victoria. **Constructores de otredad: una introducción a la Antropología Social y Cultural**. Buenos Aires: Antropofagia, 2010.

BORELLI, Viviane. **O esporte como uma construção específica no campo jornalístico**. Trabalho apresentado no XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: Salvador, 2002. Disponível em: <<http://evaldomagalhaes.tripod.com/jornalismoesportivo1.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2013.

BRANDALISE, Roberta. **Gaúchos e gauchos: um pampa, duas nações**. Trabalho apresentado no XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: Salvador, 2002. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/106491013840393079500874779230637455199.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2013.

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada**. 2006. Disponível em: <<http://xa.yimg.com/kq/groups/22040972/1450934450/name/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>> Acesso em: 28 ago. 2013.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. **The World Factbook**. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/uy.html>>. Acesso em: 03 ago. 2013.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2004.

COSTA, Leda Maria da. Futebol folhetinizado: a imprensa esportiva e os recursos narrativos usados na construção da notícia. **Logos**, Rio de Janeiro, edição 33, v.17, n. 2, p. 65-77, 2010. Disponível em: <[http://www.logos.uerj.br/PDFS/33/06\\_logos33\\_costa\\_folhetinizado.pdf](http://www.logos.uerj.br/PDFS/33/06_logos33_costa_folhetinizado.pdf)>. Acesso em: 10 out. 2013.

DORFMAN, Adriana. Nacionalidade doble-chapa: novas identidades na fronteira Brasil-Uruguaí. **A emergência das territorialidades**, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://igeo-server.igeo.ufrj.br/retis/wp-content/uploads/2008-nacionalidade-doble-chapa-AD.pdf>> Acesso em: 14 out. 2013.

DORNELLES, Beatriz. O futuro dos jornais do interior. **Intratextos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 21-36, 2012. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intratextos/article/download/2171/pdf>>. Acesso em 08 ago. 2013.

FANTONI, Francieli Jordão; BORELLI, Viviane. **A Prática Jornalística Midiatizada nas Redações dos Jornais Gaúchos A Platéia e O Nacional**. Trabalho apresentado no XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul (Intercom Sul): Santa Cruz do Sul, 2013. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/sul2013/resumos/R35-0606-1.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2013.

FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE MUNICÍPIOS DO RIO GRANDE DO SUL. **IDH Índice de Desenvolvimento Humano – Rio Grande do Sul**. 2013. Disponível em: <[http://www.portalmunicipal.org.br/entidades/famurs/idh/uf\\_idh.asp?iIdEnt=5523](http://www.portalmunicipal.org.br/entidades/famurs/idh/uf_idh.asp?iIdEnt=5523)>. Acesso em: 15 out. 2013

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009, p. 280-304.

FORTES, Rafael. Estudos de esporte na área de comunicação: um panorama e algumas propostas. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 598-614, mai/ago 2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/9476>>. Acesso em: 17 set. 2013.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GÓMEZ TORREGO, Leonardo. **Gramática Didáctica del Español**. Madri: Ediciones SM, 1999.

GRIMSON, Alejandro. **El otro lado del río: periodistas, Nación y Mercosur en la frontera**. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 2002.

GRIMSON, Alejandro. **Los límites de la cultura: crítica de las teorías de la identidad**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1a ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades – Santana do Livramento**. 2013. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=431710&search=rio-grande-do-sul|santana-do-livramento>>. Acesso em: 03 ago. 2013.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA. **Censo 2004 – Fase 1 - Departamento de Rivera - Síntesis de resultados**. 2004. Disponível em: <[www.ine.gub.uy/fase1new/rivera/informerivera.doc](http://www.ine.gub.uy/fase1new/rivera/informerivera.doc)>. Acesso em: 15 out. 2013.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA. **Resultados del Censo de Población 2011:** población, crecimiento y estructura por sexo y edad. 2011. Disponível em: <<http://www.ine.gub.uy/censos2011/resultadosfinales/analisispais.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2013.

LORENZO NAVARRO, Kimberly Gabriela. **Uso de las herramientas 2.0 en el periodismo deportivo digital en Cataluña.** Trabalho final (Máster Universitario de Investigación en Comunicación y Periodismo) - Facultad de Ciencias de la Comunicación, Universidad Autónoma de Barcelona, Barcelona, 2013. Disponível em: <<http://www.recercat.net/bitstream/handle/2072/216786/Trabajo%20Final%20de%20M%C3%A1ster%20-%20Kimberly%20Lorenzo%20Navarro.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 28 out. 2013.

MARTINS FILHO, Eduardo Lopes. **Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo.** São Paulo: Moderna, 1997.

MELLO, Vanessa Scalei de. **Daiane dos Santos, a gauchinha de ouro: articulações entre jornalismo esportivo e identidade gaúcha.** Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/10471>>. Acesso em: 28 out. 2013.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na web:** Uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003. Disponível em: <<http://poscom.tempsite.ws/wp-content/uploads/2011/05/Luciana-Mielniczuk.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2013.

MORAGAS SPÀ, Miguel de. Deporte y medios de comunicación: sinergías crecientes. **Revista Telos**, n. 38, junho/agosto 1994. Disponível em: <[http://sociedadinformacion.fundacion.telefonica.com/telos/anteriores/index2.html?num\\_038.html](http://sociedadinformacion.fundacion.telefonica.com/telos/anteriores/index2.html?num_038.html)>. Acesso em: 03 set. 2013.

MÜLLER, Karla *et al.* Comunicação e Integração Latino-Americana: a participação da mídia local na construção da cultura(s) e da identidade(s) fronteiriças. **Fronteiras**, São Leopoldo, v. 12, n. 2, maio/agosto 2010. Disponível em: <<http://www.frenteiras.unisinos.br/pdf/92.pdf>>. Acesso em: 03 ago. 2013.

MÜLLER, Karla *et al.* **Marcas das fronteiras nacionais em textos noticiosos da web: participação da mídia local nas práticas socioculturais fronteiriças.** Trabalho apresentado no XI Seminario Argentino Chileno y V Seminario Cono Sur de Ciencias Sociales, Humanidades y Relaciones Internacionales, Simpósio Las fronteras y sus dimensiones: Estado, territorio, etnicidad, migraciones y trabajo (siglo XIX y XXI), Mendoza, 2012a.

MÜLLER, Karla. **Mídia e fronteira:** jornais locais em Uruguaiiana-Libres e Livramento-Rivera. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2003. Disponível em: <<http://www.midiaefronteira.com.br/tese/>>. Acesso em: 26 set. 2013.

MÜLLER, Karla *et al.* **Mídia local nas páginas da web: fronteiras culturais no espaço das fronteiras nacionais.** Trabalho apresentado no XI Congresso da Associação Latino-Americana de Pesquisadores da Comunicação (ALAIIC): Montevideo, 2012b. Disponível em: <[http://alaic2012.comunicacion.edu.uy/sites/default/files/gt11\\_muller\\_karla.pdf](http://alaic2012.comunicacion.edu.uy/sites/default/files/gt11_muller_karla.pdf)>. Acesso em: 03 ago. 2013.

MÜLLER, Karla *et al.* Práticas socioculturais fronteiriças no jornal A Platéia: do local ao global. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 24, p. 73-88, janeiro/junho 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/19711/12364>>. Acesso em: 30 ago. 2013.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 39, p. 121-151, 2003. Disponível em: <[http://www.ludopedio.com.br/rc/upload/files/161046\\_Vol.%2039,%20No%200%20\(2003\)\\_5.pdf](http://www.ludopedio.com.br/rc/upload/files/161046_Vol.%2039,%20No%200%20(2003)_5.pdf)>. Acesso em: 04 nov. 2013.

NUNES, Ana Cecília Bisso. **A Convergência Editorial e Midiática no Jornalismo Móvel: uma análise do The Daily.** Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade dos Meios de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <[http://tede.pucrs.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=4703](http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4703)>. Acesso em: 29 ago. 2013.

PALACIOS, Marcos. Ruptura, Continuidade e Potencialização no Jornalismo Online: o Lugar da Memória. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos (Org.). **Modelos do Jornalismo Digital.** Salvador: Calandra, 2003. Disponível em: <[http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2003\\_palacios\\_olugardamemoria.pdf](http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2003_palacios_olugardamemoria.pdf)>. Acesso em: 04 set. 2013.

PAVLIK, John V. **El periodismo y los nuevos medios de comunicación.** Barcelona: Paidós, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatáhy. Além das fronteiras. In: MARTINS, Maria Helena (org.). **Fronteiras Culturais: Brasil - Uruguai - Argentina.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. **Manual de Redação.** Disponível em: <<http://www.pucrs.br/manualred/maiusculas.php>>. Acesso em 13 out. 2013.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Desenvolvimento humano e IDH.** 2013. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/IDH/DH.aspx>>. Acesso em: 15 out. 2013.

RADDATZ, Vera Lúcia Spacil. **Rádio de fronteira: da cultura local ao espaço global.** Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/15868/000690226.pdf?sequence=1>> Acesso em: 28 set. 2013.

SAAD, Beth. **Estratégias para a mídia digital: internet, informação e comunicação.** São Paulo: Senac São Paulo, 2003.

SÁNCHEZ, Andrea Quadrelli. **A fronteira inevitável**: um estudo sobre as cidades de Rivera (Uruguai) e Santana do Livramento (Brasil) a partir de uma perspectiva antropológica. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/2455/000370113.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 28 set. 2013.

SILVA, Fernando Firmino da. Mobilidade convergente: abordagem sobre a prática e os estudos do jornalismo móvel. **Ícone**. Recife, v. 11, n. 2, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.icone-ppgcom.com.br/index.php/icone/article/viewFile/57/53>> Acesso em: 29 ago. 2013.

SILVA, Ygor Martins da; GUIMARÃES, Carlos Fábio Morais. **Webjornalismo como alternativa para democratização do esporte no Brasil**. Trabalho apresentado no XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte (Intercom Norte), Palmas, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2012/resumos/R29-0151-1.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2013.

SILVEIRA, Nathália Ely da. **Jornalismo esportivo**: conceitos e práticas. Monografia (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo), Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/22683>>. Acesso em: 05 set. 2013.

THOMPSON, John. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2002.

VERONESE, Marília Veríssimo; GUARESCHI, Pedrinho. Hermenêutica de Profundidade na pesquisa social. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 42, n. 2, mai./ago. 2006. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=93842201>>. Acesso em: 04 set. 2013.

WEBER, Andrea. A circulação do português e do espanhol na fronteira: o global e o local no espaço entre-línguas. **Raído**, Dourados, v. 5, n. 9, p. 217-229, jan./jun. 2011.

WRIGHT, Susan. La politización de la cultura. In: BOIVIN, Mauricio; ROSATO, Ana; ARRIBAS, Victoria. **Constructores de otredad**: una introducción a la Antropología Social y Cultural. Buenos Aires: Antropofagia, 2010, p. 155-172.

## APÊNDICE A - Palavras e expressões categorizadas

### Categoria 1 – Unidade

Palavra/Expressão
1. Fronteira da Paz
2. Amistosos
3. Amistosos
4. Amistosos
5. Amistosos
6. Amistoso
7. Integração
8. Amistoso
9. Amistoso
10. Amistoso
11. Amistoso
12. Fronteira
13. Integração
14. Integração
15. Espírito Esportivo
16. Fronteira
17. Companheiro
18. Confraternização
19. Parceria
20. Amizade
21. Amigo
22. Fronteira
23. Fronteira
24. Comunidade fronteiriça
25. Fronteira da Paz

26. Fronteira da Paz
27. Fronteira da Paz
28. Fronteira da Paz
29. Fronteira
30. Comunidade em geral
31. Fronteira

### Categoria 2 – Distinção

Palavra/Expressão
1. Competição
2. Competição
3. Competição
4. Competição
5. Rivera
6. Rivera
7. Santanenses
8. Cidade de Rivera
9. Rivera
10. Riverenses
11. Lado brasileiro
12. Cidade de Rivera
13. Competição
14. Competição
15. Rivera
16. Santanenses
17. Cidade de Rivera
18. Lado brasileiro

19. Cidade de Rivera
20. Competição
21. Competição
22. Competição
23. Riverenses
24. Adversário
25. Adversários
26. Competição
27. Competição
28. Competição
29. Competição
30. Competição
31. Cidade de Rivera
32. Confrontos
33. Disputa
34. Clubes de Livramento e Rivera
35. Competição
36. Competição
37. Competição
38. Competição
39. Estádios de Livramento e Rivera
40. Livramento
41. Disputa
42. Disputa
43. Competição
44. Competição
45. Competição
46. Adversário
47. Disputados

48. Competição
49. Rivera
50. Rivera
51. Se enfrentam
52. Clássico riverense
53. Disputados
54. Competição
55. Disputar
56. Adversário
57. Rivera
58. Confrontos
59. Confrontos
60. Disputa
61. Gramados de Livramento e Rivera
62. Embate
63. Disputas
64. Confrontos
65. Competição
66. Competição
67. Confrontos
68. Gramados de Santana do Livramento e Rivera
69. Confrontos
70. Competição
71. Competição
72. Santanenses e riverenses
73. Competição
74. Confrontos
75. Enfrentam-se

76. Confrontos
77. Disputam
78. Rivera e Livramento
79. Confrontos
80. Confrontos
81. Competição
82. Confrontos
83. Disputas
84. Competição
85. Gramados de Rivera e Livramento
86. Disputas
87. Estádios riverenses
88. Representantes uruguaios
89. Confrontos
90. Santanenses
91. Rivera
92. Santanenses
93. Riverenses
94. Rivera
95. Confronto
96. Competição
97. Competição
98. Competição
99. Disputadas
100. Times de Livramento

### **Categoria 3 – Aproximação**

<b>Palavra/Expressão</b>
1. Universitários

2. Las Acácias
3. Vizinha cidade
4. Universitário
5. Universitário
6. Vizinha cidade
7. Las Acácias
8. Las acácias
9. Las acácias
10. Las acácias
11. Universitário
12. Comunidade de Livramento e Rivera
13. Co-irmão
14. Co-irmão
15. Penharol
16. Universitário
17. Las Acácias
18. Las Acácias
19. Universitário
20. Lado riverense da Fronteira
21. Universitário
22. Penharol
23. Las Acácias
24. Integração entre equipes de Livramento e Rivera
25. Universitário
26. Las Acácias
27. Universitário
28. Penharol
29. Las Acácias



30. Las Acácias
31. Universitário
32. Penharol
33. Las Acácias
34. Universitário
35. Las Acácias
36. Lado brasileiro da Fronteira
37. Las Acácias
38. Lãs Acácias
39. Penharol
40. Las Acácias
41. Universitário
42. Ambos os lados da Fronteira
43. Ambos os lados da Fronteira
44. Las Acácias
45. Ambos os lados da Fronteira da Paz
46. Las Acácias
47. Universitário
48. Las Acácias
49. Las Acácias
50. Las Acácias
51. Las Acácias
52. Las Acácias
53. Universitário
54. Penharol
55. Las Acácias
56. Las Acácias
57. Las Acácias
58. Las Acácias

59. Penharol
60. Universitário
61. Las Acácias
62. Universitário
63. Las Acácias
64. Universitário
65. Dois lados da Fronteira
66. Las Acácias
67. Universitário
68. Universitário
69. Universitário
70. Ambos os lados da Fronteira
71. Universitário
72. Las Acácias
73. Las Acácias
74. Ambos os lados da Fronteira da Paz
75. Las Acácias